

Judson Pereira de Almeida

**A Rádio Bahiana de Jequié
Memória dos 50 anos da ZYH 472**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Índice

Introdução	9
Pressupostos teóricos metodológicos	10
Surgimento do Rádio no Brasil	13
1 Implantação da Rádio Bahiana de Jequié	17
1.1 Evolução tecnológica	24
1.2 O radioteatro, os programas de auditório	31
1.3 Influência na vida social	36
1.3.1 Integração da cidade com a zona rural: <i>A Hora do Fazendeiro</i>	38
1.3.2 A crônica social: <i>o Bom Dia</i> de Luiz Cotrim	40
2 O radiojornalismo	43
2.1 Opinião: os editoriais de Fernando Barreto e Adauto Cidreira	47
2.2 Os anos de chumbo: período pós-golpe de 1964	51
2.3 Transmissões externas	53
2.4 <i>Músicas e Informações</i> : um programa de Geraldo Teixeira	57
2.5 O esporte	59
2.6 Fatos pitorescos	63
2.7 Os programas religiosos	67
2.7.1 <i>A Hora do Angelus</i>	70
3 O fim da Rádio Bahiana de Jequié	72
Considerações finais	82
Referências bibliográficas	83
Entrevistas	85
Transcrições	87
Anexos	88

Trabalho de conclusão do bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Orientador: Prof. Ms. José Carlos Silveira Duarte.

Pequena caixinha que carreguei quando em fuga
Para que suas válvulas não pifassem,
Que levei de casa para o navio e o trem
Para que os meus inimigos continuassem a falar-me
Perto de minha cama, e para a minha angústia,
As últimas palavras da noite e as primeiras da manhã
Sobre suas vitórias e sobre meus problemas
– Prometa-me não ficar muda de repente.

Bertold Brecht

Agradecimentos

A Deus, criador de todo dom perfeito, Senhor de todas as coisas.

Ao professor mestre José Duarte da Silveira, orientador, pela disposição e encorajamento.

Ao professor doutor Marcus Lima, pelo incentivo e apoio.

Ao radialista Ari Santana, pela entrevista e disponibilização de gravações raras, importantes para a feitura deste trabalho.

A Inaldo Sardinha pela entrevista e a disponibilização de documentos particulares importantes na construção do trabalho.

A Raimundo Meira Magalhães, diretor do Museu Coronel João Borges (Museu de Jequié) pela paciência e boa vontade em disponibilizar fotos, objetos e informações importantes sobre a ZYH – 472.

A Evandro Lopes, João Mendes, Ari Moura, Edísio Santana, Cid Teixeira, Virgílio Argolo, Helena Pereira, Nanci Dias, Wando Pereira, Tony Silva, Gilmar Azevedo, Wilson Novaes Júnior e Aroldo Vieira pelo carinho, disponibilidade e paciência.

Dedicatória

A minha família, pelo apoio incondicional e as orações que são a pedra de toque de todas as conquistas, sempre.

À memória de Geraldo Teixeira, e à de todos aqueles que deixaram sua marca na radiofonia baiana, na radiofonia da Rádio Bahiana de Jequié.

Resumo

Esta pesquisa faz um resgate histórico dos cinquenta anos da Rádio Bahiana de Jequié, uma das primeiras emissoras em Amplitude Modulada do Estado da Bahia. Mostra como e em qual contexto histórico a emissora foi implantada. Aborda as rádionovelas, o rádioteatro, programas religiosos, de entretenimento e os programas de auditório. Descreve como era feito o rádiojornalismo em época de poucos recursos tecnológicos. Relata fatos históricos transmitidos pela emissora, as dificuldades enfrentadas no período pós-golpe militar de 1964 e conta, também, histórias pitorescas que fazem parte do anedotário dos que trabalharam na emissora. Fala da influência exercida na sociedade de Jequié e cidades vizinhas. Relata ainda as dificuldades financeiras, as crises, as mudanças de proprietários, o desfazimento do acervo de discos e documentos e o longo processo de decadência que culminou com o fim da Rádio Bahiana de Jequié.

Abstract

This research is a historical review of fifty years of the Rádio Bahiana Jequié, one of the first stations in Modulation Amplitude of the State of Bahia. It shows how and in which historical context the station has been deployed. Covers the soap operas, the radio theater, religious programs, entertainment and talk shows. Describes how it was done radio journalism in times of scarce technology resources. Reports historical facts transmitted by the station, the difficulties faced in the post-1964 military coup and have also picturesque stories that are part of the anecdotes of those who worked on the station. It speaks of influence in Jequié's society and surrounding towns. Also portrays the financial difficulties, crises and changes of owners to terminate the collection of records and documents and the long process of decline that culminated with the end of the Rádio Bahiana Jequié.

Introdução

A RÁDIO Bahiana de Jequié foi uma das primeiras emissoras em Amplitude Modulada do interior da Bahia. Fundada em 21 de setembro de 1954, reinou absoluta no *dial* AM até o ano de 1986, em que chegou a primeira emissora em Frequência Modulada de Jequié, a Cidade Sol FM.

Como pioneira na comunicação eletrônica na microrregião de Jequié, a Rádio Bahiana produziu radioteatro, fez transmissões externas ao vivo, programas de auditório, musicais, jornalísticos e de serviço. O *Festival dos Brotos* era realizado no auditório do Cine Jequié nas tardes de domingo. Mesclava apresentação de novos talentos e de artistas consagrados em âmbito regional e nacional. A *Hora do Fazendeiro*, apresentado de segunda a sexta-feira das 13h00 às 14h00, dedicava-se a enviar mensagens de pessoas da zona urbana às da zona rural de Jequié e de outros municípios onde o sinal da rádio era captado. Numa época de estradas ruins, em que não existia internet e telefone era coisa raríssima, o programa foi de grande utilidade e audiência. No campo do rádio-jornalismo marcaram época programas como *O Repórter Esclarece*, *O Grande Jornal Falado* e o *Plantão Informativo*. No quesito coluna social destaque para as crônicas do professor Luiz Cotrim. Levadas ao ar de domingo a domingo às 07h00 da manhã, relatavam os acontecimentos considerados significativos da alta sociedade jequieense. Durante algum tempo a Rádio Bahiana transmitiu eventos políticos como comícios, o que, no início dos anos 1960, não era proibido pela Lei Eleitoral. Jornalismo e entretenimento eram levados ao ar, num período de poucos recursos técnicos e financeiros. Jornalistas e radialistas enfrentaram a censura imposta aos meios de comunicação, a partir do Golpe de 1964 e que se agravou em 1968 com a edição do Ato Institucional nº. 5.

A Rádio Bahiana de Jequié foi o principal veículo de comunicação usado pela população da região para a obtenção de informações regionais durante a segunda metade do Século XX. Transmitiu e esteve presente em momentos marcantes da vida social e política de Jequié e região.

Em 2006 a emissora encerrou um ciclo histórico na área da comunicação em Jequié e na Bahia. Depois de uma longa crise financeira e estrutural foi vendida para um grupo empresarial de Feira de Santana e

passou a ser chamada de Rádio Povo AM. Com a adoção de um novo nome considera-se que houve a perda de um referencial histórico de Jequié. Hoje os momentos de glória vividos pela ZYH – 472 estão na memória de pessoas que nela trabalharam e em pouquíssimos documentos escritos e sonoros.

Pressupostos teóricos metodológicos

O objetivo geral desta monografia não é contar com riqueza de detalhes a história da Rádio Bahiana de Jequié, mesmo porque tal proposta demandaria maior tempo de pesquisa e seria mais adequada para um trabalho em nível de mestrado ou doutorado, mas sim, traçar um perfil histórico da emissora. Trata-se de pesquisa descritiva, baseada em depoimentos (entrevistas) de pessoas que trabalharam e das que foram ouvintes da Rádio Bahiana de Jequié. Não é o propósito do presente trabalho fazer uma análise teórica profunda.

As informações foram coletadas a partir de fontes orais, de fotografias e recortes de jornais obtidos de pessoas que trabalharam na emissora, e de gravações magnéticas recuperadas pelo radialista Ari Santana em velhas fitas de rolo, gentilmente cedidas para a feitura da presente pesquisa. Muitas fitas contendo gravações da programação da Rádio Bahiana foram destruídas, conforme se verá, restando apenas o que foi salvo por Ari Santana. Sem dúvida uma contribuição inestimável para a preservação da história da Rádio Bahiana e de Jequié. Para que o leitor possa ter acesso a partes do material, alguns trechos de gravações foram disponibilizados na internet para *download*¹. Insta salientar que nem todos os colaboradores da Rádio Bahiana foram entrevistados para a feitura deste trabalho. Alguns não foram localizados (como a locutora Gélia Ferreira), outros já são falecidos (como Geraldo Teixeira, José Mariano, Luiz Gonzaga Lymon). Foram escolhidos aqueles que por mais tempo trabalharam na emissora ou que viveram momentos marcantes, relevantes para a proposta do trabalho. Informações passadas por Evandro Lopes (comentarista esportivo), Inaldo Sardinha (locutor esportivo e rádiooperador), João Mendes (locutor), Ari Santana (locutor e rádiooperador), Ari Moura (jornalista), Edísio Santana (locutor e

¹Os áudios foram disponibilizados pelo autor deste trabalho no site www.4shared.com

rádiooperador), Cid Teixeira (diretor), Virgílio Argolo (rádiotécnico), Nanci Dias (locutora e rádiooperadora), Wando Pereira (locutor, rádiooperador e narrador esportivo), Tony Silva (locutor, rádiooperador e narrador esportivo), Wilson Novaes Júnior (jornalista), Helena Pereira (apresentadora de programa religioso) e Aroldo Vieira (músico e corretor), estes dois últimos ouvintes e colaboradores ad hoc da emissora, foram cruciais para traçar este perfil histórico. Merece destaque, também, a colaboração de Raimundo Meira Magalhães, diretor do Museu Coronel João Borges (museu de Jequié), que disponibilizou documentos históricos (fotografias e objetos) e informações que fazem parte do acervo do museu. Destaque para Ari Santana, Virgílio Argolo e Cid Teixeira, as fontes entrevistadas que por mais tempo trabalharam na Rádio Bahiana, sendo que Virgílio Argolo participou da inauguração da emissora, como se verá.

A metodologia combinou as técnicas de entrevistas do jornalismo com o apoio dos métodos da história oral. As entrevistas foram semi-estruturadas, combinando perguntas fechadas (pré estabelecidas) e abertas, sendo possível para o entrevistado falar sobre o tema sem que o entrevistador fixasse de antemão determinadas respostas ou condições. Apenas as questões centrais foram estabelecidas *a priori*.

As principais informações obtidas, portanto, são baseadas em depoimentos orais de pessoas que trabalharam e/ou foram ouvintes da Bahiana de Jequié. Fontes da mais alta credibilidade, pois, segundo Henry Rousso, “(...) a história pertence sobretudo àqueles que a viveram (...)” (Henry Rousso *in* AMADO & FERREIRA, 2002.p.98) Este resgate do passado feito a partir de informações guardadas na memória é legítimo, conforme ensina o autor supra citado: “A memória, no sentido básico do termo, é a presença do passado” (*Idem*, p.94). Depois de gravadas as entrevistas foram transcritas e formaram um corpo de informações que, depois de sistematizadas, tornaram-se o cerne da pesquisa. Ainda tendo por base Henry Rousso, o presente trabalho acabou por fazer a sistematização de uma memória coletiva até então fragmentada entre seus principais personagens:

(...) as representações do passado observadas em determinada época e em determinado lugar – contando que apresentem um caráter recorrente e repetitivo, que digam respeito a um grupo significativo e que tenham aceitação nes-

se grupo ou fora dele – constituem a manifestação mais clara de uma “memória coletiva” (AMADO & FERREIRA, 2002,p.94).

Com base na lição de Maurice Halbwachs estas informações constituem o corpo de uma memória coletiva “(...) porque concordam no essencial, apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo” (HALBWACHS, 1990, p. 25). Entretanto, ainda segundo Halbwachs, esta memória coletiva pode ser enxergada sob dois aspectos: do ponto de vista do grupo em relação ao qual pertence e do ponto de vista de pessoas exteriores ao grupo. O autor classifica estas informações como sistema independente.

É porque formam um sistema independente, pelo fato de serem as lembranças de um mesmo grupo, ligadas uma a outra e apoiadas de certo modo uma sobre a outra; é que esse grupo é nitidamente distinto de todos os outros (idem, p.30).

Não é possível ocultar uma certa ligação afetiva do autor (isto pode ser percebido nas entrelinhas do trabalho, não de forma explícita) com o presente trabalho, na medida em que o mesmo foi ouvinte da Rádio Bahiana de Jequié durante as décadas de 1980 e 1990. Também, como radialista, conviveu profissionalmente com algumas pessoas que fizeram parte da história da emissora, delas ouviu relatos de fatos que aconteceram na Bahiana de Jequié e com algumas destas fontes possui relação de amizade. Portanto a memória do autor também pode ser considerada parte da memória coletiva onde o corpus do trabalho foi arregimentado, ainda que em grau menor. De acordo com Halbwachs “A primeira testemunha, à qual podemos sempre apelar, é a nós próprios” (*ibidem*, p. 25).

A presente pesquisa não se ateve à narração cronológica dos fatos. Objetivou, isto sim, traçar um perfil histórico baseado muito mais em períodos e fases da emissora. Em nenhum momento foi pretensão do autor esgotar o assunto. O desejo é que a pesquisa sirva como um memorial de passagens importantes para a história da radiofonia e do próprio município de Jequié, e como fonte para estudantes e historiadores, uma

vez que quase nada foi produzido até o momento sobre a Rádio Bahiana. Também é desejo que outras pesquisas possam aprofundar o tema ou abordá-lo por outro viés.

Surgimento do Rádio no Brasil

O século XIX foi marcado pelas primeiras experiências com ondas eletromagnéticas. Na década de 1830 o cientista inglês Michael Faraday descobriu o princípio da indução eletromagnética e, em 1896, com base nos estudos de Faraday, Heinrich Hertz e outros pesquisadores, o italiano Guglielmo Marconi construiu um equipamento que possibilitava o envio de sinais a alguns metros. Era o primeiro sistema de telegrafia sem fio da história.

Mas no Brasil, em 1893, o padre brasileiro Roberto Landell de Moura já realizara a primeira experiência de radiotelegrafia, transmitindo sons do ponto mais alto da Avenida Paulista ao morro de Sant'Anna, em São Paulo, numa distância de cerca de oito quilômetros.²

No século XX Marconi se notabilizou ao transmitir a voz humana por meio de ondas eletromagnéticas em 1914.

As primeiras transmissões radiofônicas no Brasil foram experimentais. O rádio aportou oficialmente nas terras brasileiras no dia 07 de setembro de 1922, por ocasião das comemorações do centenário da Independência. Foram instalados, pela empresa Westinghouse Electric International, transmissores e antenas no alto do morro do Corcovado, no Rio de Janeiro, onde hoje se encontra o Cristo Redentor. Os sinais foram captados em Niterói, Petrópolis, na serra fluminense e até em São Paulo. Os receptores foram importados especialmente para a ocasião. A primeira transmissão foi o discurso do então presidente Epitácio Pessoa numa exposição na Praia Vermelha, seguido de música lírica. Com o fim da exposição, a estação experimental passou a transmitir nos dias seguintes óperas, entre elas *O Guarani* de Carlos Gomes, diretamente

² Segundo o *Compêndio sobre a História do Rádio no Brasil* esta foi "(...) a primeira experiência de radiofonia de que se tem notícia, embora não haja documentos que comprovem o fato. Já em 1899 e 1900, jornais citam a experiência, dando fé do pioneirismo do brasileiro na transmissão de sinais sonoros". Extraído do site da Abert: <http://www.abertdf.com/site/images/stories/biblioteca/historia.pdf> Acesso 08/03/2011.

do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. As primeiras transmissões não despertaram a atenção das pessoas. A qualidade do áudio era sofrível. Roquete Pinto comentou o desinteresse das pessoas de um modo geral para com as primeiras experiências com transmissões de rádio no Brasil:

Na verdade é que durante a exposição do centenário da Independência em 1922 muito pouca gente se interessou pelas demonstrações experimentais de radiotelefonía (...). Creio que a causa principal desse desinteresse foram os alto falantes instalados na exposição. Ouvindo discursos e músicas reproduzidos, no meio de um barulho infernal, tudo roufenho, distorcido, arrombando os ouvidos, era uma curiosidade sem maiores consequências. (PINTO, 1923)³

Apesar do desinteresse geral o médico e antropólogo Edgar Roquete Pinto⁴ enxergou na nova tecnologia um eficiente canal de comunicação, que poderia ser útil para a educação das massas. Em 20 de abril de 1923 fundou, junto com Henry Morize, a primeira estação de rádio brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, sem fins lucrativos, e com o objetivo de promover a cultura e a educação. Gisela Swetlana Ortriwano, citada por Sêmia Mauad, em artigo sobre a história do rádio no Brasil e em Minas Gerais assevera sobre a primeira emissora do Brasil: “Nasceu como um empreendimento de intelectuais e cientistas e suas finalidades eram bastante culturais, educativas e altruísticas”. (ORTRIWANO *apud* MAUAD. p. 02). A emissora tinha uma programação elitista, com a veiculação de óperas, concertos, palestras, recitais de poesia. Segundo Bertold Brecht, o rádio substituía as apresentações ao vivo:

Isso foi a radiodifusão na sua primeira fase, na qualidade de substituta. Substituta do teatro, da ópera, do concerto, das conferências, do café concerto, da imprensa local etc.. (BRECHT, Bertolt. In MEDITSCH. 2005. p. 41).

³ Arquivo de áudio baixado do site <http://www.microfone.jor.br/historia.htm> (acesso 16/02/2011) e também citado por Sêmia Mauad no artigo *A história do rádio no Brasil e em Minas Gerais*, p. 02, publicado pela Biblioteca on line de Ciências da Comunicação, no endereço www.bocc.ubi.pt acesso 08/03/2011.

⁴Edgar Roquete Pinto é considerado o pai do rádio no Brasil.

A grade de programação era horizontal, ou seja, os programas não tinham horários predefinidos, e a publicidade era proibida. A gênese da denominação Sociedade está no fato de que, para manter a emissora no ar era preciso a contribuição dos ouvintes com uma espécie de mensalidade. A rádio recebia, também, doações de entidades públicas e privadas. A denominação “clube”, adotada por emissoras país afora também possui a mesma justificativa. Não havia como desenvolver o novo veículo de comunicação com uma receita financeira tão inconstante. Tanto a parte técnica quanto a de programação eram bastante incipiente. Só nos anos 30 é que o governo de Getúlio Vargas autoriza a publicidade no rádio, mesmo assim limitada a 10% da programação. A partir de então as emissoras começam a se profissionalizar e a programação, antes voltada exclusivamente para a elite, começa a ganhar traços populares. Posteriormente o limite da publicidade passa para 20% e as emissoras investem na contratação de produtores e artistas, surgindo assim, a concorrência entre as rádios.

A competição teve, originalmente, três facetas: desenvolvimento técnico, status da emissora e sua popularidade. A preocupação “educativa” foi sendo deixada de lado e, em seu lugar, começaram a se impor os interesses mercantis. (ORTRIWANO apud MAUAD, p. 02)

Foram introduzidas mudanças na linguagem radiofônica, tornando a comunicação mais direta, de fácil compreensão e, conseqüentemente, de maior alcance na sociedade. Abandonou-se o tom rebuscado e, de certa forma, pedante e a comunicação no rádio tornou-se mais coloquial e de fácil entendimento. Segundo Mário de Andrade o rádio abandona a classe culta e assume sua real vocação, a de falar para as grandes massas:

A geografia do rádio não alcança as montanhas elevadas da cultura. Fica-se pelos vales, pelos platôs largos e pelos litorais. Daí sua linguagem particular, complexa, multifária, mixórdiosa, com palavras, ditos, sintaxes de todas as classes, grupos e comunidades. Menos da culta, pois que desta ele apenas normalmente se utiliza daquelas cem palavras e poucas normas em que ela coincide com todas

as outras linguagens, dentro desta abstração que é a Língua. (ANDRADE, Mário. *in* MEDITSCH. 2005. p. 117)

A grade de programação passou a ter caráter vertical, com programas e horários pré-definidos. A publicidade, como dito, possibilitou uma receita fixa e maior desenvolvimento técnico e artístico do veículo de comunicação. A partir da década de 30 o rádio passa, portanto, para um período de profissionalização/mercantilização ao tempo em que entra na chamada “Era de Ouro”. Foi o período dos programas musicais populares e de auditório, como os da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, com o surgimento de ídolos como Carmem Miranda, Orlando Silva, Cauby Peixoto, Emilinha Borba e outros, que ajudaram a fazer do rádio um instrumento presente na vida de milhões de brasileiros. As emissoras alcançavam todo o território nacional e transmitiam partidas de futebol, o que despertou a paixão por times do sul/sudeste (especialmente do Rio de Janeiro e de São Paulo) nos mais longínquos rincões do país.

A “Era de Ouro” do rádio começa o seu declínio a partir do início da segunda metade do Século XX com a chegada de um novo meio de comunicação de massa ao Brasil: a televisão. No dia 18 de setembro de 1950 foi inaugurada a TV Tupi de São Paulo.

Neste período de declínio da “Era de Ouro” do rádio foi implantada a Rádio Bahiana de Jequié, objeto de estudo nos próximos capítulos.

1 Implantação da Rádio Bahiana de Jequié

O historiador Emerson Pinto de Araujo relata no livro *A Nova História de Jequié* o interesse de pessoas da comunidade jequeense pelo rádio já na segunda década do século XX. A cidade estava sob a intendência do coronel João Carlos Borges, e em 1925, foi criada a Rádio Sociedade de Jequié, não uma emissora de rádio, mas uma espécie de clube de amantes da radiofonia. Assim afirma o citado historiador: “Alguns moradores fundaram a ‘Rádio Sociedade de Jequié’, cujos estatutos foram elaborados pelo juiz da Comarca Bertino Passos, adquirindo um receptor para o deleite dos associados” (ARAÚJO, 1997, p. 286). Como se pode inferir, os aparelhos de rádio eram objetos caros e raros na época, sendo comprados por grupos de pessoas associadas. Numa cidade onde as opções de lazer eram mínimas naquele tempo, o aparelho de rádio despertou grande curiosidade e passou a ser objeto de admiração de muitos. De acordo com relatos do historiador e jornalista Raimundo Meira Magalhães: “O rádio era uma coisa raríssima. Então reunia assim vinte pessoas, cada um dava cinco, alugava um local para tomar uma cervejinha e ficar ouvindo rádio” (MAGALHÃES, 25/03/2011).

Segundo informações trazidas por Herzem Gusmão Pereira em trabalho monográfico sobre a trajetória da Rádio Clube de Conquista, o primeiro aparelho receptor de Vitória da Conquista foi adquirido em 1936 por um grupo de pessoas que fundou o Clube do Rádio.

A história do Rádio em Vitória da Conquista tem início em 1936 quando João Oliveira Lopes, Virgínio Maciel e Leônicio Dantas adquiriram o primeiro Rádio-receptor que ficava à disposição da comunidade em uma casa alugada na Praça da República (praça Tancredo Neves), onde as pessoas pagavam uma taxa para ouvir as transmissões, nascendo assim o Clube do Rádio, evoluindo mais tarde (1938) para um Clube dançante. (PEREIRA, 2003. P.20)

Jequié, portanto, saiu na frente de Vitória da Conquista no interesse pela recepção das ondas sonoras do rádio, mas, já em 1952, a cidade

teve sua primeira emissora de rádio instalada o que aconteceu em Jequié dois anos mais tarde, como veremos.⁵

Na primeira metade do século XX o cinema era o principal instrumento de entretenimento em Jequié, principalmente a partir de 1936, quando foram instalados aparelhos sonoros que possibilitavam ouvir a voz dos personagens e a trilha sonora durante as exhibições. Mesmo assim as condições técnicas eram precárias. No início a sala

(...) dispunha apenas de um projetor, havendo intervalos entre as partes do filme em exibição, disso se aproveitando os baleiros para venderem bombons, chocolates, cocadas e outras guloseimas. Alguns expectadores aproveitavam nos intervalos para fumar o cigarro (ARAÚJO, 1997. p. 358).

As orquestras filarmônicas entravam em declínio. No mais, as opções eram as serestas, o bate papo em frente à casa do vizinho, o mexerico que dava conta da vida alheia e, para os boêmios, os cabarés como o *Lanterna Verde* e o *Bar Fascista* e as *casas de tolerância*. Com a chegada dos clubes sociais, em especial o Jequié Tênis Clube, a cidade contou com uma opção de lazer. No Jequié Tênis Clube eram realizadas festas dançantes, bailes de carnaval, banquetes, reuniões para tratar de assuntos de interesse da comunidade e eram desenvolvidas várias modalidades esportivas, não só o tênis.

A partir do fim da primeira metade do século XX Jequié entra em declínio econômico, que culmina com a perda da privilegiada posição de liderança entre os municípios da região Sudoeste da Bahia. A cidade que outrora fora pouso de tropeiros, principal entreposto comercial da região, fornecedora de matéria prima para vários estados do país e para o exterior, ligação entre o alto sertão e o litoral sul do estado, sede de empresas de grande importância e capital econômico (como as empresas fundadas por imigrantes italianos, e que chegaram a desenvolver

⁵A *Rádio Clube de Conquista* foi inaugurada oficialmente em 17 de dezembro de 1952 em uma reunião nas dependências da mesma, no 1º andar da então sede da agência do Banco Econômico, localizada na praça Barão do Rio Branco, onde ocupava 03 salas. Neste mesmo dia, às 10h, a cantora Dalva de Oliveira realizou um show, apresentado pelo locutor Fernandes Filho, no auditório do Cine Vitória que mais tarde passou a se chamar Cine Ritz, onde atualmente funciona a sede da Rádio Clube (PEREIRA, 2003. P. 22).

funções originalmente destinadas a bancos, até a instalação da primeira agência bancária na cidade) viu sua importância ser diminuída gradativamente a partir do momento em que o transporte rodoviário suplantou o ferroviário e o marítimo, principalmente, como assevera Emerson Pinto de Araújo, com a construção do trecho rodoviário ligando Ipiaú a Ilhéus. “A princípio, favorecido com a ferrovia ligando-o a Vitória da Conquista, o porto de Ilhéus, após a complementação da BR 330, se converteu no grande escoadouro do cacau e de outros produtos da região da mata”. (ARAÚJO, 1997. p. 395). Muitas firmas estabelecidas em Jequié responsáveis por armazenar e beneficiar produtos oriundos da mata fecharam suas portas. Com a diminuição do fluxo de mercadorias a estrada de ferro Nazaré⁶ perdeu importância e foi posteriormente desativada, perdendo Jequié a condição de ponta de trilhos.⁷ Conta Emerson Pinto de Araújo:

A firma Araújo & Filho, estabelecida à Praça Luiz Viana, especializada em beneficiamento de fumo exportado para a Europa através de multinacionais sediadas na capital do Estado, encerrou suas atividades, deixando desempregados cerca de trezentos operários. O mesmo fenômeno se repetiu com as agências compradoras de café, mamona e outros gêneros que até então vinham de longe para o centro receptor de Jequié. (ARAÚJO, 1997, p. 395)

Passemos para 1954, ano de fundação da Rádio Bahiana de Jequié. A população brasileira consternada com o suicídio do presidente Getúlio Vargas, ocorrido no dia 24 agosto daquele ano, o Brasil mergulhado numa crise política e financeira, o mundo ainda em recuperação dos traumas provocados pela Segunda Grande Guerra. 1954 também foi o ano do falecimento de Roquete Pinto, considerado o pai do rádio no Brasil. Régis Pacheco era o governador da Bahia, eleito para o quadriênio 1951/1954. Antônio Lomanto Júnior ocupava o cargo de

⁶Em 1938 foram embarcadas pela Estrada de Ferro de Nazaré 10.065 toneladas de cacau. Em 1954, essa cifra caiu para apenas 304 toneladas (ARAÚJO, 1997. P. 395)

⁷“O colapso final (sic) ocorreu em setembro de 1971, quando o governo decretou a paralisação definitiva da Estrada de Ferro de Nazaré, autorizando a retirada dos trilhos”. (ARAÚJO, 1997. p. 305/306)

prefeito de Jequié. Eleito pelo Partido Liberal tomou posse em 1951 concluindo o mandato em 7 de abril de 1955.⁸ Segundo dados do censo demográfico de 1950, Jequié contava com uma população de 20.500 habitantes⁹. Ainda segundo o censo de 1950, a população de Jequié era predominantemente rural, com 23% de habitantes na cidade, 7% nas vilas e povoados e 70% na zona rural.

Quase trinta anos depois da fundação da Rádio Sociedade de Jequié, com os aparelhos mais populares e acessíveis, a cidade já contava mais receptores, que sintonizavam principalmente as emissoras do eixo sul/sudeste do país.

Em 1954 foi fundada em Jequié a Associação Jequeense de Imprensa, que teve como seu primeiro presidente o Juiz de Direito Walter de Vasconcelos Nogueira “(...) um entusiasta e idealizador da entidade”. (NOVAES JÚNIOR, 2006, p. 29)

Neste contexto foi instalada a ZYN-27, Rádio Bahiana de Jequié em 1954, uma das primeiras emissoras de rádio do interior da Bahia. Foram os esforços de Adilson Almeida, locutor do serviço de alto-falantes *A Voz da Cidade* de propriedade de José Mascarenhas Oliveira, conhecido como Zuzinha e que, posteriormente, fundou sua própria empresa, *A Voz do Sudoeste*¹⁰, que possibilitaram a implantação da emissora na

⁸Antônio Lomanto Júnior foi um político de grande expressão na Bahia e no Brasil. Exerceu os cargos de vereador, prefeito de Jequié por três mandatos, deputado estadual, governador da Bahia e senador da República. Encerrou a carreira política em janeiro de 1997, quando passou o cargo de prefeito para Roberto Pereira de Brito eleito sob sua batuta e que, mais tarde, romperia com o veterano político.

⁹*Em 1950, enquanto a população de Salvador se aproximava da casa dos quatrocentos mil habitantes, nenhuma outra cidade do Estado da Bahia ultrapassava a cifra de trinta mil habitantes. Em números redondos, Ilhéus contava com 22.600 habitantes, passando um pouco mais de 27.000, se incluídos seus limites administrativos; Itabuna chegou aos 23.000 habitantes; Feira de Santana a 26.500; Cachoeira – São Félix a 17.00; Nazaré a 11.200; Alagoinhas a 21.000; Jequié a 20.500; Vitória da Conquista a 17.500; Juazeiro a 16.000. (ARAÚJO, 1997, p. 393/394)*

¹⁰Os serviços de alto-falantes e os carros de som eram os únicos meios eletrônicos de comunicação disponíveis na época. Os alto-falantes desfrutavam de prestígio e veiculavam música, notícias, utilidade pública e assuntos sociais (aniversários, casamentos, batizados, falecimentos etc.). Com a implantação das emissoras de rádio os alto-falantes entraram em declínio, conforme narra o historiador Emerson Pinto de Araújo: “Com a inauguração da emissoras locais de rádio e o surgimento do radinho de pilha os alto-falantes começaram a perder a importância que desfrutava. Permaneceram os carros móveis de som, fazendo propagandas comerciais e dos candidatos a cargos ele-

cidade. Adilson Almeida, então, convenceu Alceu Nunes da Fonseca¹¹, proprietário do grupo Rádio Interior, que agregava várias emissoras no Brasil, entre elas a Rádio Industrial de Juiz de fora e a Rádio Carioca do Rio de Janeiro, da viabilidade de instalação de uma emissora de rádio em Jequié. De acordo com a narrativa do técnico Virgílio Argolo, um dos primeiros funcionários da Rádio Bahiana, o primeiro contato de Adilson Almeida com Alceu Nunes da Fonseca se deu em Jequié. Na ocasião Adilson tentou demonstrar a viabilidade de uma emissora de rádio na Cidade Sol, não tendo Alceu, inicialmente, demonstrado interesse no empreendimento:

Adilson conversando com ele disse que aqui caberia uma rádio, aí ele disse: e a dificuldade de técnico, dificuldade de locutor... ele disse: não, tem locutor, eu sou locutor, tem mais locutores. E aí começou a insistir com Fonseca, escrevia sempre pra lá. (ARGOLO, 25/03/2011).

O locutor queria uma emissora do grupo Rádio Interior instalada em Jequié. Depois do primeiro contato com Alceu Nunes da Fonseca e diante da negativa do empresário em implantar uma emissora na cidade,

tivos” (ARAÚJO, 1997 p. 507). Porém alguns serviços de alto-falantes resistiram e até hoje operam em Jequié: A Voz da Cultura do radialista João Veloso no bairro Jequezinho, A Voz da Cidade, no centro e a Voz América do policial militar e radialista Valdivino Filho no bairro Joaquim Romão. Os carros de som ainda operam em grande quantidade em Jequié. Destaque para Geraldo Teixeira, que montou um dos primeiros carros de som da cidade, o Geteixeira Publicidade, uma “veraneio” dirigida por um cidadão muito conhecido chamado Paraíba. O Geteixeira Publicidade marcou época, funcionou por mais de 40 anos em Jequié.

¹¹Nascido em Marica, RJ, em 31 de abril de 1903. Representante de produtos farmacêuticos. E foi nessa atividade que começou seus primeiros contatos com o rádio, já que era necessário divulgar as qualidades dos produtos que vendia nas farmácias e drogarias. Entre 1940 e 1941, entrou no ramo publicitário, conseguindo as primeiras representações de estações de rádio do interior do país, uma delas sob a sua orientação: Rádio Cultura de Araraquara Ltda. SP. Foi o pioneiro nesse encontro do rádio do interior, com o mundo publicitário, do Rio de Janeiro e de São Paulo através do Grupo Alceu Nunes da Fonseca & Cia. Ltda – Organização “RAD-INTERIOR” sediada na então Capital Federal, Rio de Janeiro, GB, à Avenida Rio Branco, número 138, 9º andar. Inúmeras vezes tomou a iniciativa de requerer a instalação de emissoras para cidades do interior. Foi um verdadeiro “plantador de antenas” por este Brasil afora. Fonte: http://www.varandasbarbacena.com.br/radialistas/alceu_nunes.html Bastidores do Rádio. Acesso: 28/03/2011

Adilson continuou seus esforços. O jornalista Nelson Galvão Rocha Filho, em trabalho monográfico sobre a contribuição da atividade radiofônica para o desenvolvimento de Jequié assevera:

(...) segundo Geraldo Teixeira, Adilson Almeida convenceu o grupo a investir em Jequié por meio de fotografias da cidade e região, da possibilidade do desenvolvimento econômico da região, e com isso conseguiu demonstrar que a cidade já carecia de uma emissora própria. (ROCHA FILHO, 2009, p 20.)

Diferente de Roquete Pinto, que, segundo os historiadores, enxergava no rádio um instrumento para a educação das massas, a visão de Adilson Almeida era comercial, viu o veículo como um instrumento capaz de ajudar a desenvolver Jequié economicamente. Adilson Almeida, finalmente, convenceu Alceu Nunes da Fonseca a investir em Jequié com a implantação da emissora mostrando ao empresário carioca a viabilidade do empreendimento, mesmo a cidade não ocupando mais a posição de destaque que tinha no passado. Na visão de Adilson Almeida a viabilidade da emissora dava-se pelo potencial econômico da região ao tempo em que poderia ajudar a esta mesma região a, de certa forma, se recuperar do impacto provocado pelo declínio da atividade econômica. “Depreende-se que Adilson Almeida vislumbrava as possibilidades sócio-econômicas que a presença de uma emissora de rádio local podia proporcionar”. (ROCHA FILHO, 2009. p. 20)

Na noite de 21 de setembro de 1954 foram ao ar as primeiras ondas da ZYN 27, Rádio Bahiana de Jequié. O primeiro locutor a ocupar a cabine da emissora foi Geraldo Teixeira (que já atuava no campo da comunicação em Jequié como locutor do serviço de alto-falantes A Voz da Cidade), tendo como operador de áudio Virgílio Argolo, também responsável pela parte técnica da rádio. Na inauguração duas transmissões externas foram realizadas. A primeira do Cine Jequié, a cobertura do show com o cantor Lúcio Alves, e a segunda da Praça Rui Barbosa, cobertura do comício do candidato a prefeito Dorival Borges. As transmissões externas foram feitas por Maurício Costa locutor enviado pela Rádio Industrial de Juiz de Fora, também do grupo Rádiointerior, para a inauguração da Rádio Bahiana de Jequié. Cabe salientar que o Cine Jequié ficava a um quarteirão do estúdio da emissora e a Praça

Rui Barbosa a menos de trinta metros do mesmo. A Rádio Bahiana foi inaugurada no terceiro andar do Edifício 02 de Julho, na rua do mesmo nome, no centro da cidade, um prédio amplo e bem localizado, onde permaneceu até ser vendida no ano 2000 para um grupo da Igreja do Evangelho Quadrangular, conforme veremos no último capítulo deste trabalho.

Além dos depoimentos colhidos ao longo da pesquisa, os detalhes da noite de inauguração da Rádio Bahiana foram retirados de uma gravação de áudio feita em 21 de setembro de 1969, por ocasião da festa dos 15 anos da emissora. Transcrevemos, na íntegra, o texto lido naquela data por Geraldo Teixeira:

Alô ouvintes amigos, quem tem o prazer de lhes falar é Geraldo Teixeira, o modesto diretor artístico e locutor desta emissora. Neste 21 de setembro de 1969 recordo-me com muita satisfação aquele outro 21 de setembro de 1954 quando nos céus de Jequié e da Bahia, graças ao milagre das ondas hertzianas, foram para o ar as transmissões da ZYN – 27, inaugurando-se oficialmente a Rádio Bahiana de Jequié, então componente da cadeia Rádio Interior de Alceu N. Fonseca. Naquela época, já trabalhando como locutor do serviço de alto-falantes A Voz da Cidade, era convidado para fazer locução comercial na Rádio Bahiana de Jequié através do seu incansável fundador Adilson Almeida. E foi justamente na noite de 21 de setembro de 1954 que este modesto locutor falou pela primeira vez através deste microfone tendo na sonotécnica o rádiooperador Virgílio Argolo, atual técnico da emissora. Naquela noite duas transmissões externas foram realizadas. A primeira do palco do Cine Teatro Jequié, a cobertura do show de inauguração com o cantor Lúcio Alves, e a segunda da Praça Rui Barbosa, cobertura do comício em favor da candidatura Dorival Borges à prefeitura desta cidade que teve como seu adversário o saudoso prefeito Adhemar Nunes Vieira. Estas transmissões externas foram comandadas pelo locutor Maurício Costa que veio da Rádio Industrial de Juiz de Fora, também da cadeia Rádio Interior, para as solenidades de inauguração da ZYN – 27. Fiz a minha

estréia ao microfone da Bahiana de Jequié naquela noite memorável funcionando como locutor de cabine. E hoje são decorridos 15 anos, e continuei sempre ligado à Rádio Bahiana de Jequié, embora dela tenha me afastado por alguns pequenos períodos por questões particulares e de saúde. E assim assisti de perto e acompanhei o nascimento da nossa querida Rádio Bahiana de Jequié, e com ela vejo hoje transcorrer os seus 15 anos de bons serviços prestados à comunidade jequieense. Nesta oportunidade quero apresentar o meu muito obrigado a todos aqueles que têm me tolerado através deste microfone, e fazer preces á Deus para que, em futuro próximo, a nossa emissora possa oferecer algo de melhor aos seus ouvintes. Parabéns a Rádio Bahiana de Jequié, e para vocês amigos a minha saudação e o meu bom dia. (TEIXEIRA, 1969)¹²

A rádio teve como seus primeiros diretores Tereza Tosta e Wilma Sarmiento. Em 1960 quando a emissora foi comprada por Antônio Lomanto Júnior assumiram a direção Aduino Cidreira e Cid Teixeira. Foram os diretores que por mais tempo permaneceram no cargo.

1.1 Evolução tecnológica

Convencido por Adilson Almeida da viabilidade de implantação de uma emissora de rádio em Jequié, Alceu Nunes da Fonseca autorizou os técnicos do grupo Rádiointerior a iniciarem os estudos para a montagem dos equipamentos da Rádio Bahiana. Não existem relatos de como foi o processo de outorga da concessão para o funcionamento da emissora. Para a instalação do transmissor e da antena foi escolhido um local próximo ao Rio Jequiezinho, na parte conhecida como Manga do Costa, por ser um local úmido, ideal para a instalação de transmissores em Amplitude Modulada que precisam de um bom sistema de aterramento. Na época a *Manga do Costa* era desabitada, praticamente fora do perímetro urbano da cidade, existindo, apenas, um grande matagal. O parque de transmissão ficava nas imediações onde hoje funciona o

¹² Áudio disponível em http://www.4shared.com/audio/kIMZ3Wzf/Geraldo_Teixeira_-_Mensagem_no.html.

salão de eventos de Marlene Marinho e o Hiper Cardoso, lugares muito conhecidos na cidade. Também participou do processo de instalação dos equipamentos técnico jequieense Virgílio Argolo, que, contatado pela equipe de Alceu Nunes Fonseca, ficou responsável pela instalação dos equipamentos de estúdio enquanto que a parte de transmissão estava a cargo de um técnico chamado Murilo. Virgílio já era bastante requisitado na região para a montagem de amplificadores, rádios de bateria e outros equipamentos, além de rádios que operavam em baixa frequência, conhecidos como PX, já que, na época era difícil encontrar estes equipamentos no mercado e, quando encontrados, os preços eram altos. Assim narra Virgílio Argolo:

Eu me lembro que na secretaria eu montei seis transmissores, Secretaria de Segurança Pública quando Lomanto foi governador. Montei um aqui para Jequié, eu usava sempre um 807 porque eles trabalhavam só em telegrafia. Então era 600 volts por 100 mil amperes, 60 Watts de entrada. (ARGOLO, 25/03/2011)

Fato interessante destaca Virgílio Argolo. Quando da inauguração da Rádio Bahiana de Jequié a cidade já contava com um bom número de aparelhos receptores e não houve um aumento significativo na demanda por aparelhos por conta da implantação da Rádio Bahiana. A população já estava habituada a ouvir rádio, principalmente as emissoras do sul do país, e passou a dividir esta audiência com a emissora recém implantada em Jequié:

O aumento de receptor, a gente esperava que crescesse muito, mas não houve este crescimento assim por causa da rádio. Era um crescimento normal porque as pessoas queriam ouvir aqui e as outras emissoras também. O sucesso naquele tempo era Record, Marink Veiga, Rádio Nacional, era quem dominava o mercado. (ARGOLO, 25/03/2011)

O equipamento inicial da Rádio Bahiana de Jequié era incipiente. No parque de transmissão foi montado um transmissor de Ondas Médias valvulado fabricado pela Sociedade Técnica Paulista, com potência de 250 Watts, um quarto de K/Watt (na linguagem comum no meio

radiofônico era uma emissora com um quarto de quilo de potência), que operava na frequência de 1250 KHz. Tal configuração era de uma emissora de pequeno porte, de potência baixa, autorizada a funcionar, apenas, até as 22 horas. Naquele tempo as válvulas apresentavam defeitos constantes e tinham vida útil pequena, necessitando de constante manutenção. Narra Virgílio Argolo que

A válvula tinha de ter uma manutenção maior porque o índice de defeito era muito alto, não é como hoje como um equipamento transistorizado, o transistor não tem problema de enfraquecer, ele também dá problema, mas depois de muito tempo; e a válvula tinha um limite de horas, de vida útil. (ARGOLO, 25/03/2011)

O equipamento de estúdio também era valvulado e de fabricação da Sociedade Técnica Paulista, composto por uma mesa de controle de áudio, dois toca-discos, uma entrada para gravador e quatro microfones. O conjunto do mix de áudio e dos toca-discos era chamado de “consolete”. Os microfones eram do tipo “jacaré”. “Era um microfone longo, cheio de linhas, que parecia um jacaré”. (SANTANA 1, 26/03/2011). A rádio tinha, também, um microfone de fita da marca RCA, muito usado na época por outras emissoras, considerado de boa tecnologia. O primeiro gravador da Rádio Bahiana foi um de fita de rolo. Para a inauguração da emissora foi emprestado pelo grupo Rádiointerior um gravador de arame, pertencente à Rádio Sul Fluminense. A ligação do estúdio para o transmissor era feita por meio de fios, instalados em postes, da Rua 2 de Julho até a *Manga do Costa*. Não havia nenhum tipo de áudio processador ou equalizador. O som saía direto da mesa para o transmissor. O áudio que chegava aos receptores era grave, com poucas frequências de agudo, característico das baixas frequências do AM, sem nenhum tratamento porque a tecnologia da época assim não o permitia. Era grande a dificuldade técnica. Explica Virgílio Argolo que a perda provocada pela distância entre o estúdio e o parque de transmissão não era significativa, pelo uso de compensadores de linha:

O áudio não perdia porque a gente compensava, tinha compensação de linha, principalmente na perda dos agudos. Mas não adiantava muito porque, se botasse grave demais

sobremodulava em grave era pior, então tinha de fazer o meio termo. (ARGOLO, 25/03/2011)

Instalados em postes, um tanto precários, não raro os fios que ligavam o estúdio ao transmissor da Rádio Bahiana se rompiam e a emissora saía do ar. Era um veículo que batia num poste ou este caía por outro motivo qualquer e lá estavam Virgílio Argolo, Cid Teixeira e um auxiliar com uma escada procurando o local onde o fio se rompeu para fazer a emenda. “À noite eu cansava de sair com Virgílio Argolo e Vavá Eletricista e levantar poste e levantar a “fiarada” para poder funcionar” (TEIXEIRA, 12/03/2011). Os transtornos provocados pelo rompimento dos fios que levavam o áudio do estúdio para o transmissor findaram quando a ligação passou a ser feita pela Companhia Telefônica de Jequié. Foi avanço significativo na qualidade técnica. Segundo Cid Teixeira, houve também uma melhora no nível de ruído que, de forma intermitente, atrapalhava as transmissões da Rádio Bahiana: “Melhorou. Só tu vendo, tinha aquele rangido terrível e com a mudança direto pela Companhia Telefônica melhorou o som e melhorou nosso trabalho” (TEIXEIRA, 12/03/2011).

Um sério problema naqueles tempos eram as cheias do Rio Jequeizinho. Não raras vezes o parque de transmissões da Rádio Bahiana esteve ameaçado pelas águas que, certa feita, chegaram a invadir o abrigo do transmissor. Uma canoa ficava posicionada próximo ao equipamento para o caso de as águas subirem de forma repentina. Um funcionário da rádio que morava no local, “tomava conta” do parque de transmissão. Era encarregado de manter técnico e direção da emissora informados sobre a situação. Em uma noite foi preciso desmontar todo o equipamento e transportá-lo na canoa para um local seguro, porque o nível da água subiu muito.

A água quando chegou na porta, no piso do abrigo, como não podia tirar o transmissor inteiro eu comecei a tirar transformador de alta, aquele que estava embaixo pesado para poder sair. Levamos uns 6 dias fora do ar por causa do excesso de água, da inundação (ARGOLO, 25/03/2011).

Em outra ocasião, na década de 1960, a Rádio Bahiana ficou por quase quinze dias fora do ar, por conta dos estragos provocados pela

cheia do Rio Jequezinho. “Uma vez ficou quase uns 15 dias, porque nós mandamos Geraldo em São Paulo buscar um material para poder recuperar a emissora” (TEIXEIRA, 12/03/2011). O problema das inundações só foi resolvido quando o parque de transmissões da Rádio Bahiana foi transferido para o bairro São Judas Tadeu, local conhecido com Granja Pindorama. Com a transferência foram feitas modificações no projeto de instalação dos equipamentos, já que na Manga do Costa o abrigo do transmissor era colado à antena, o que hoje é proibido. “Depois que saiu de lá já foi feito dentro do padrão moderno” (ARGOLO, 25/03/2011).

A Rádio Bahiana operou com o transmissor da Sociedade Técnica Paulista por cerca de vinte anos. Já na Granja Pindorama, na década de 1970, o parque de transmissões ganhou um transmissor moderno, de 1 K/Watt (um quilo de potência) e ampliou o alcance da emissora. A Rádio Bahiana deixava de ser uma emissora local e assumia o posto de emissora regional. Para esta ampliação foi necessário, também, mudança na frequência e no prefixo da rádio. A ZYN-27 passou a ser ZYH 472, e deixou de operar em 1250 CPS¹³ passando para 1460 KHz¹⁴. Mudanças, segundo Virgílio Argolo, necessárias para o aumento da potência:

Pra você aumentar a potência tem que mudar de frequência. Essa frequência 1250 tinha uma aqui, outra em Alagoinhas, e tinha várias no Brasil. Parece que eram 11 ou 12 emissoras na mesma frequência. Então teve de mudar

¹³Ciclos por segundo.

¹⁴O **hertz** (símbolo **Hz**) é a unidade de frequência derivada do SI para frequência, a qual é expressa em termos de ciclos por segundo a frequência de um evento periódico, oscilações (vibrações) ou rotações por segundo (s⁻¹ ou 1/s). Um de seus principais usos é descrever ondas senoidais, como as de rádio ou sonoras. O hertz é nomeado em homenagem ao físico alemão Heinrich Hertz, que fez grandes contribuições científicas importantes ao eletromagnetismo. O nome da unidade foi estabelecido na Comissão Eletrotécnica Internacional (*International Electrotechnical Commission*) em 1930 e foi adotado na Conferência Geral de Pesos e Medidas (Conférence générale des poids et mesures) em 1960. Substituindo assim o nome ‘ciclos por segundo’ (CPS), juntamente com seus múltiplos, quilocilos por segundo (kc/s), megaciclos por segundo (Mc/s) e assim por diante. O termo ciclos por segundo foi amplamente substituído por hertz apenas na década de 1970. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Khz>. Acesso 01/05/2011.

de frequência para aumentar a potência, já passou a ser uma potência regional (ARGOLO, 25/03/2011).

A mesa de controle de áudio era muito simples. Por exemplo, a escuta, sistema de amplificação interno que possibilita ao operador colocar o disco no ponto para que a mixagem seja feita de forma correta, não existia. O jeito era encostar o ouvido o mais próximo possível da agulha do toca-discos. Não era possível, também, testar o áudio das transmissões externas antes de ir para o ar, pelo mesmo motivo, não existia sistema de escuta na mesa de som. As inserções comerciais gravadas vinham das agências em discos de vinil, sendo que, todos os comerciais locais eram lidos ao vivo pelos locutores.

Tempos difíceis para os rádiooperadores. Operar os controles de som sem que nenhum erro fosse cometido era uma arte. Necessitava de criatividade e muita atenção. A força da mensagem transmitida ao ouvinte não dependia só do locutor que interpretava textos ao microfone, mas também do rádiooperador, que, com a mixagem perfeita, combinava voz do locutor com os sons extraídos dos discos de vinil.

A mistura de tudo isso dentro de um estúdio, onde não se vê ninguém,mas você sabe que o estão ouvindo, provoca uma outra coisa, chamada emoção. Uma sensação difícil de explicar mas fácil de entender, quando parte de uma coisa chamada rádio (CÉSAR, 1996. p.12).

O estúdio aos poucos foi sendo modernizado. A “consolete” da Sociedade Técnica Paulista foi substituída por outros equipamentos mais avançados. A nova mesa de áudio com sistema de escuta facilitou de-veras o trabalho dos operadores. Toca-discos mais modernos foram adquiridos, e novos microfones deram mais qualidade às vozes da Bahiana de Jequié: “Naquela época a rádio pertencia a Lomanto, e ele viajou até Los Angeles e trouxe aqueles microfones Shure para fazer transmissões externas” (SANTANA 1, 26/03/2011). Gravadores com fitas de rolo também ajudaram a modernizar a parte técnica da rádio: “(...) gravador grande de rolo da Phillips, depois veio o da Sony e outros que apareceram por aí” (SANTANA 1, 26/03/2011). Os tape-decks, aparelhos que rodavam as fitas K7 também foram adquiridos. Os comerciais, antes lidos ao vivo, passaram a ser gravados e veiculados

em cartucheiras, equipamentos com boa qualidade de áudio e de fácil manuseio. Mesmo com os novos recursos, segundo Ari Santana, existia uma resistência por parte do diretor da emissora em fazer o noticiário gravado. Só depois de algum tempo Cid Teixeira se deu por vencido e permitiu que algumas edições do noticiário fossem gravadas.

Nos primeiros anos as transmissões externas da Rádio Bahiana eram feitas por meio de redes de fios instaladas em alguns pontos da cidade. A Bahiana não possuía links em rádio frequência ou outro equipamento que permitisse a transmissão de qualquer local sem o uso de fios. Foram colocados pontos de transmissão no Cinema Jequié (de onde foi transmitido o show de inauguração da emissora e onde era realizado o Festival dos Brotos), no Jequié Tênis Clube, no Fórum (que funcionava num imóvel na rua Jerônimo Sodré, em frente ao Jequié Tênis Clube), na Câmara de Vereadores (localizada na Rua 2 de Julho, vizinho à emissora), da Praça Rui Barbosa (vizinha à emissora) e do campo do Aníbal Brito, no bairro Jequezinho (local mais distante de onde se faziam transmissões esportivas no perímetro urbano). Só depois de firmada parceria com a Companhia Telefônica de Jequié foi possível transmitir de outros pontos da cidade sem maiores dificuldades, através de uma linha TX (transmissão). Para ligar os microfones os locutores utilizavam um equipamento chamado “maleta”, uma espécie de amplificador que poderia funcionar à bateria ou a energia elétrica, apropriado para transmissões externas. Transmitir ao vivo de outras cidades da região era uma aventura. Evandro Lopes, comentarista esportivo da Rádio Bahiana, narra a dificuldade para fazer uma transmissão esportiva de outra cidade por meio de linha telefônica. Conta o veterano radialista que não havia como saber se a transmissão realmente estava no ar. Marcava-se um horário, o rádioopetador abria o canal da linha e o trabalho começava. Se ocorresse algum problema durante a transmissão a equipe esportiva não tinha como saber, continuava o trabalho até o fim, mesmo não estando no ar:

Me lembro bem da primeira transmissão que eu fiz fora, foi em Valença. Primeiro jogo de Jequié em 1967 contra Valença. Você chega lá na cidade vai lá na telefônica e pede uma reserva de uma linha aí liga pra cá ,aí Cid pede a reserva daqui aí você faz um interurbano. A gente marcava um horário. Não tinha retorno. Marcava o horário

e naquele horário contava 1, 2,3,4,5 e entrava no ar (LO-PES, 13/03/2011).

Transmissões externas de cidades mais próximas foram feitas com mais segurança e qualidade técnica depois que a emissora foi adquirida pelo então governador da Bahia, o jequeense Antônio Lomanto Júnior. Competições esportivas e outros eventos regionais passaram a ser transmitidos por meio de um sistema de RF, um link de frequência baixa em Amplitude Modulada, de propriedade particular do governador, conforme assevera Virgílio Argolo:

Na época que Lomanto foi governador eu era rádio amador, eu usava o transmissor de Lomanto, um Delta. A gente transmitia tudo em 80 metros pra cá, então transmitia dessas cidades aqui por perto pelo rádio amador, PX mesmo. Nós transmitíamos de Ipiaú, Maracás, aqui por perto. Itabuna, Ilhéus, fazíamos a transmissão direto em AM, modulação em amplitude (ARGOLO, 25/03/2011)

No início da década de 1990 a sonotécnica da Bahiana contou com um computador dispondo de *software* de poucos recursos para a veiculação de vinhetas e comerciais. Muitos equipamentos foram utilizados na Rádio Bahiana de Jequié, sendo que, os acima elencados, foram lembrados pelas fontes, citados a título exemplificativo.

Além de Virgílio Argolo também trabalhou por alguns anos como técnico na Rádio Bahiana de Jequié Juvenal Moura Pinheiro, como lembra Ari Santana: “a gente chamava ele de cientista louco porque ele é um técnico fora de série” (SANTANA 1, 26/03/2011).

1.2 O radioteatro, os programas de auditório

De 1954 até a segunda metade da década de 1960 a Rádio Bahiana de Jequié levou ao ar várias radionovelas, gravadas em fitas de rolo na Rádio Sul Fluminense, também pertencente ao grupo Rádiointerior, de Alceu Nunes da Fonseca e enviadas para a Rádio Bahiana. As telenovelas engatinhavam no Brasil e o rádio ainda era o veículo por meio do qual,

diariamente, as pessoas acompanhavam as histórias e os dramas levados ao ar por meio dos folhetins¹⁵. Na Bahiana de Jequié o horário das radionovelas era às nove e meia da manhã, antes do programa *Músicas e Informações*, sobre o qual falaremos em capítulo próprio.

Nenhuma radionovela foi produzida em Jequié, mas locutores e redatores da Rádio Bahiana chegaram a criar peças para o radioteatro. Ao contrário das radionovelas que eram gravadas e editadas pelo grupo Rádiointerior, o radioteatro da Bahiana era ao vivo, ora apresentado direto do estúdio da emissora, ora em eventos sociais. Os textos eram em forma de script,¹⁶ os fundos musicais retirados de LPs e os efeitos sonoros improvisados pelos próprios locutores/atores. Segundo Ari Santana:

Tinha um programa de terror. Interessante que, na abertura tinha de ter uma porta rangendo, depois os passos e o tiro. Aí Miriam Torres que era nossa colega naquela época, irmã de Érico Torres... eu entrava dando os passos, abria a porta, fazia o rangido, parava e... Pááá, dava o tiro e eu fazia hahahahahah, eu dava aquela risada (SANTANA 1, 26/03/2011).

Todo esforço era feito com elementos verbais e não verbais para que o ouvinte fosse levado a criar um cenário imaginário no qual a história narrada se desenvolvia.

(...) a linguagem radiofônica é o conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo conjunto dos recursos técnicos/expressivos da reprodução sonora e o conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes (BALSEBRE, apud MEDITSCH, 2005. P. 329).

¹⁵Áudio Disponível em http://www.4shared.com/audio/hzMckGn6/Radionovela_-_Veiculada_pela_R.html.

¹⁶Áudio disponível em http://www.4shared.com/audio/OQtC9D9w/Radio_Teatro_-_Rdio_Bahiana_de.html.

Os programas de auditório marcaram época na ZYN – 27. Alguns de duração efêmera. Direto de um pequeno auditório da Casa Paroquial *O Tabuleiro da Bahiana* foi um espaço para grupos de jovens que cantavam e tocavam influenciados por Elvis Presley e Bill Haley & His Comets (Bill Haley e Seus Cometas),¹⁷ a exemplo da banda cover *Ari Santana e Seus Cometas*. O programa *Valores da Terra* era espaço para a apresentação de artistas regionais. O jornalista Fernando Barreto e o radialista Ulisses Factum comandaram um programa que não pode ser considerado de auditório, mas contava com a participação do público; era apresentado da cabine da Bahiana de Jequié. *Eu Acuso* era uma espécie de júri no rádio, ao vivo: “Havia a participação de promotores, advogados, todo mundo participava, o ouvinte etc. Discutiam um caso daqui da região. O ouvinte participava condenando ou absolvendo” (SANTANA 1, 26/03/2011).

O programa de auditório de maior duração e repercussão promovido e apresentado pelo elenco da Rádio Bahiana foi o *Festival dos Brotos*. A rádio não possuía auditório próprio e o programa era realizado no Cine Teatro Jequié, com capacidade de abrigar mil e duzentas pessoas sentadas. Era compromisso certo nas manhãs de domingo para jovens ávidos por entretenimento e artistas locais em busca de sucesso. Animado por Geraldo Teixeira, locutor de grande popularidade, e transmitido ao vivo pela Bahiana de Jequié, o *Festival dos Brotos* revelou talentos, como a cantora Kátia Morbeck, Zamurinha e os conjuntos *Capítulo Quinto* e o *Bossa Seis*. Sobre este último, lembra o músico e radialista Aroldo Vieira: “Éramos eu, Cleber de Fanor (Cléber Ferreira), Tizo, Jocely, Melquíades e João Faustino, a gente tocava no Festival dos Brotos

¹⁷**Bill Haley & His Comets** foi uma banda de rock and roll que teve início nos anos 1950 e que continuou até a morte de Haley em 1981. Esta banda, também conhecida pelos nomes **Bill Haley and The Comets** e **Bill Haley's Comets**, foi um dos primeiros grupos de músicos brancos a levar o rock às grandes platéias norte-americanas e ao redor do mundo. Seu líder, Bill Haley, era um músico de country; depois de gravar uma versão country de "Rocket 88", uma canção de R&B considerada o primeiro Rock and Roll gravado, ele mudou seu estilo para um novo som chamado rockabilly. Embora diversos integrantes do Comets tenham ficado famosos, foi Bill Haley quem permaneceu como o astro. Com sua postura energética ao palco, muitos fãs consideram-nos tão revolucionários para sua época quanto os Beatles e os Rolling Stones foram para as suas. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Bill_Haley_%26_His_Comets Acesso 15/04/2010.

todo domingo de manhã. Antes a gente ensaiava e domingo tocava lá. Era muito bom” (VIEIRA, 13/03/2011). Alguns músicos que se apresentaram no *Festival dos Brotos* seguiram carreira profissional. Aroldo Vieira, por exemplo, deixou a bateria do *Bossa Seis* para assumir o vocal do *Embaló 4*, de Gatinha, banda que marcou época em Jequié realizando bailes memoráveis não só na *Cidade Sol*, como em várias partes da Bahia e do Brasil.

No *Festival dos Brotos* dezenas de calouros concorriam a prêmios e corriam o risco de serem gongados, assim como nos programas de Abelardo Barbosa, o Chacrinha. Dezenas de brindes eram sorteados todos os domingos, oferecidos por empresas do comércio de Jequié que viam no programa uma oportunidade para tornarem seus produtos mais conhecidos entre os jovens. “A gente saía arrecadando brindes no comércio, o comércio fazia valer, dava os brindes e o cinema superlotava” (TEIXEIRA, 12/03/2011).

O locutor e apresentador do *Festival dos Brotos*, Geraldo Teixeira, tornou-se um empresário de shows em Jequié. Muitos artistas se apresentaram na cidade empresariados por Geraldo. Quase todos os shows promovidos por ele foram transmitidos pela Rádio Bahiana. Quando não havia transmissão, o artista era entrevistado na emissora. Lembra Ari Santana que “se apresentaram no Cine Jequié Nelson Gonçalves, Orlando Dias, Roberto Carlos, Emilinha Borba, Nelson Ned, Agnaldo Timóteo, Ângela Maria, Waldick Soriano, muita gente famosa daquela época” (SANTANA 1, 26/03/2011). Um dos artistas de maior prestígio e que fez várias apresentações em Jequié foi Cauby Peixoto. Em visita à *Cidade Sol*, depois de uma turnê pelos Estados Unidos, Cauby se apresentou no Jequié Tênis Clube. Quem não esteve na platéia pôde acompanhar o show em casa, pelas ondas da Rádio Bahiana.

Cauby Peixoto mesmo, eu me lembro que a primeira apresentação dele, logo que ele chegou dos Estados Unidos foi no Jequié Tênis Clube. A Rádio Bahiana retransmitiu, mas foi uma festa patrocinada pelo clube (ARGOLO, 25/03/2011).

Voltemos ao *Festival dos Brotos*. O programa de auditório de maior sucesso da Bahiana de Jequié teve a sua última edição no final da década de 1960, em um domingo, coincidentemente um 21 de setembro,

aniversário da Rádio Bahiana, por causa de um desentendimento entre o diretor da rádio e o proprietário do Cine Jequié. Segundo conta Cid Teixeira o valor arrecadado com a bilheteria do programa pertencia à Rádio Bahiana.

Seo Altamirando, vendo o cinema cheio no dia do aniversário da rádio, dia 21 de setembro, ele chegou e disse: olha Cid meio dia eu vou desligar a luz. Aí eu perguntei: por que rapaz? Eu vou desligar porque tem matinê. Eu disse: se você vai desligar pode desligar. Eu pensei: isso vai ficar ruim né? Aí eu disse: quanto é que você quer? Aí ele pediu “X”, eu disse: tá bem eu lhe pago. Aí eu acabei com o programa (TEIXEIRA, 12/03/2011).

O fim do *Festival dos Brotos* foi decidido de forma repentina, num dia de comemorações, com o cinema lotado, como sempre estivera desde a primeira edição. Ficou na lembrança de artistas e pessoas que freqüentaram o auditório comandado por Geraldo Teixeira naquelas jovens manhãs de domingo. “Era um programa que tinha para a época uma conotação extraordinária” (LOPES, 13/03/2011).

Em 1989 Jequié reviveria, por um curto período, as emoções de um programa de auditório promovido por uma emissora de rádio. Naquele ano foi inaugurada a Estação 93 FM, tendo como proprietários o empresário Manoel Guedes¹⁸ e o então deputado federal Leur Lomanto. O diretor de programação era Gilmar Azevedo e o locutor mais popular Tony Silva, um pernambucano com grande experiência no rádio e que se tornou uma estrela nos primeiros anos da Estação 93 FM. Gilmar criou o *Show de Prêmios*¹⁹, um programa de auditório nos mesmos moldes do Festival dos Brotos, realizado nas manhãs de domingo no *Cine Auditorium*, um antigo cinema que foi transformado em casa de eventos. No *Show de Prêmios* eram realizadas gincanas entre alunos de escolas, apresentação de calouros, sorteio de brindes e shows de bandas locais.

¹⁸Cerca de um ano depois de inaugurada a Estação 93 FM, Manoel Guedes vendeu as ações da emissora para o então vereador e empresário Euclides Fernandes.

¹⁹Segundo Gilmar Azevedo o principal objetivo do Show de Prêmios “(...) foi popularizar a rádio torná-la bem próxima do povão, aí sim tomar uma fatia do público da Bahiana” (AZEVEDO, 02/06/2011)

O público vibrava com a apresentação de Tony Silva, as bandas, as competições, os brindes e as dançarinas que davam mais colorido ao show. No programa de estréia Geraldo Teixeira, apresentador do *Festival dos Brotos*, foi homenageado com a entrega de uma placa. Emocionado agradeceu à direção do programa e ao público. “Convidado para fazer parte do júri do programa, os olhos de Geraldo brilhavam, ao reviver os velhos tempos, os velhos tempos dos programas de auditório da Bahiana de Jequié” (SILVA, 14/04/2011). O Cine Jequié, palco de grandes acontecimentos para cidade e do lendário *Festival dos Brotos* foi fechado na década de 1990. Atualmente funciona no prédio do antigo cinema uma loja de tecidos e confecções.

1.3 Influência na vida social

A Rádio Bahiana de Jequié foi implantada em um período em que não existia telefonia móvel celular e o número de aparelhos fixos era reduzido. A Empresa Telefônica de Jequié foi inaugurada em 1920 e, em 1954, ainda dispunha de poucas linhas, instaladas geralmente nas casas de pessoas de maior poder aquisitivo. A Rádio Bahiana de Jequié encurtou distâncias impostas pelas dificuldades de comunicação, feita boca a boca, por meio das pouquíssimas linhas telefônicas disponíveis e de cartas, que muito demoravam a chegar ao destino devido às condições ruins das estradas. A emissora de rádio passou a integrar comunidades que, pertencentes ao mesmo município viviam distantes. Sobre este aspecto é oportuna a lição de Marshall McLuhan:

Platão, cujas idéias tribais de estrutura política estavam bem fora de moda, dizia que o tamanho certo de uma cidade era indicado pelo número de pessoas ao alcance da voz de um orador. Até o livro impresso, para não falar do rádio, torna bem irrelevantes, para efeitos práticos, as pressuposições políticas de Platão. Mas o rádio, dada a sua facilidade de relações íntimas e descentralizadas, tanto ao nível pessoal como ao de pequenas comunidades, poderia facilmente realizar o sonho político de Platão numa escala mundial (McLUHAN, 2001, p. 345).

A Bahiana de Jequié passou, então, a transmitir acontecimentos políticos e sociais, eventos religiosos, esportes, factuais, demandas da comunidade etc. Tudo que era dito aos microfones da emissora alcançava grande repercussão. Para Evandro Lopes a Rádio Bahiana “(...) era um paradigma dessa cidade, era uma comunicadora de tudo quanto esta cidade tinha” (LOPES, 13/03/2011). Para se ter uma idéia do prestígio e da credibilidade da Rádio Bahiana cabe relatar um acontecimento, segundo Emerson Pinto de Araújo, ocorrido no final da década de 1950. O então tenente Etiene Falcão comandava o policiamento militar ostensivo em Jequié. O oficial perpetrava uma série de arbitrariedades contra cidadãos chegando ao ponto de proibir as pessoas de cruzarem as pernas no cinema. Mas o ápice das arbitrariedades foi quando a dupla “Cosme e Damião” (policiais que faziam o policiamento sempre juntos), sob o comando de Etiene, invadiu os estúdios da Rádio Bahiana, no momento em que era veiculada uma gravação contendo denúncias de Washington Navarro Pinto contra desmandos, arbitrariedades e violências cometidas pelo citado oficial. O tenente desligou o equipamento do estúdio, conforme narra Ari Santana: “ele perguntou: onde é que desliga isso? Eu respondi: não sei não senhor. Aí perguntou a Jota Narciso: onde é que desliga? Narciso disse: é ali. Ele foi lá e desligou” (SANTANA 1, 26/03/2011). A invasão da Rádio Bahiana provocou a revolta da comunidade, que já estava cansada dos desmandos de Etiene.

Imediatamente, as forças vivas da comunidade reforçaram os telegramas expedidos às autoridades federais e estaduais reclamando providências, o que culminou com a destituição do tenente arbitrário, chamado de volta à capital do estado (ARAÚJO, 1997, p. 383).

Apesar dos baixos salários os profissionais da emissora, principalmente os locutores, faziam muito sucesso, gozavam de prestígio na sociedade jequeense. Eram como artistas, estrelas da comunicação local: “Galã de novela é o termo” (SARDINHA, 11/03/2011). Eram admirados e tietados por fãs de várias idades. “O status de radialista naquela época era muito importante. A gente era um reizinho, todo mundo queria conhecer” (MENDES, 12/03/2011). Muitos comunicadores passaram a fazer parte de entidades de importância e prestígio na sociedade como Lions Clube, Rotary Clube e Maçonaria.

Aproveitando a grande força da Bahiana AM alguns locutores ingressaram na política e, em um primeiro momento, tiveram êxito. Roque Oliveira e Geraldo Teixeira foram eleitos vereadores com expressiva votação, o mesmo não ocorrendo na tentativa de se reelegerem. Anos mais tarde, em 1992, outros radialistas também tentaram chegar à câmara de vereadores. Toni Silva, Aloísio Rocha e Roque Legal aproveitavam a popularidade da Estação 93 FM, inaugurada em 1989, e se lançaram candidatos. Nenhum dos três conseguiu vaga no legislativo municipal. O locutor José Lima, que adotou o nome artístico de Mister Boy trabalhava na 93 FM de Jequié, mas candidatou-se a vereador em Ubatã – Bahia, confiando na popularidade adquirida por meio da Ubatã FM, onde atuou por vários anos com o pseudônimo de Jota Camafeu, também não obtendo sucesso nas urnas.

1.3.1 Integração da cidade com a zona rural: *A Hora do Fazendeiro*

Na década de 1960 surgiu um programa que foi de grande audiência da Rádio Bahiana de Jequié. *A Hora do Fazendeiro*, levado ao ar de segunda à sexta-feira das 13h00 às 14h00, fazia a integração entre o campo e a cidade. O programa enviava mensagens para quem morava na roça e vice-versa. O rádio funcionava como elo entre o urbano e o rural. Encurtou a distância entre localidades onde, antes, notícias e recados demoravam a chegar.

As pessoas levavam até a sede da emissora, notas com recados do tipo: “atenção Maria na Fazenda Jabuti, João avisa que chega hoje à tarde com as crianças”. Tudo era passado a limpo e lido pelo locutor, que intercalava blocos de notas com músicas rurais (sertanejas).

Nos primeiros anos da Rádio Bahiana de Jequié o programa levado ao ar das 13h00 às 13h30 era o *Informação Agrícola*. Gravado da Rádio Sul Fluminense do Rio de Janeiro, também pertencente ao grupo Rádiorinterior. Era dividido em: *meu mundo é minha horta, conversa com o agricultor* etc. No horário o locutor da Rádio Bahiana, informava apenas a hora certa, o restante do conteúdo era gravado. Conta Ari Santana que, certa feita, nos idos de 1969 um fazendeiro o procurou na emissora e disse:

Moço, a gente ouve este programa lá na região e eu que-

ria pedir um favor ao senhor. O senhor pode ler uma nota aí avisando pra lá que o gado chegou, já está aqui e vai chegar lá tal hora? Eu disse: pois não meu senhor (SANTANA 1, 26/03/2011).

Nos dias que se seguiram várias pessoas levaram notas para serem divulgadas no *Informação Agrícola*. O volume de recados foi crescendo e o locutor do horário incentivou a direção da emissora a não mais veicular o conteúdo gravado, mudando o nome do programa para *A Hora do Fazendeiro*, com uma hora de duração, das 13 às 14h00. “Chegou a um ponto que a Hora do Fazendeiro atendia por dia 280 a 300 notas. Era a comunicação com o homem do campo” (SANTANA 1, 26/03/2011). O locutor tocava uma sineta dentro da própria cabine como uma espécie de sinal sonoro entre um recado e outro. Por mais de trinta anos o programa foi um sucesso estrondoso. Segundo Cid Teixeira “tinha fazendeiro que botava funcionário à disposição na fazenda para ouvir os recados” (TEIXEIRA, 12/03/2011). A grande audiência de *A Hora do Fazendeiro* comprovava a eficácia do programa em sua proposta de fazer a ligação entre o campo e a cidade e da Rádio Bahiana como veículo de comunicação de massa.

Em períodos de festas a equipe do programa recebia muitos presentes vindos da zona rural. As pessoas expressavam gratidão e ao mesmo tempo amizade pela prestação do serviço. Vários produtos do campo chegavam à rádio: banana, laranja, melancia, batata, jaca, inhame, galinhas, leite etc. a maioria endereçada ao apresentador Ari Santana, que dividia com os colegas.

Outros locutores também apresentaram o programa, a exemplo de Mascarenhas Filho, Geraldo Teixeira, Silva Lopes e Edísio Santana, mas o grande sucesso do programa foi mesmo com Ari Santana: “Interessante, esse programa informativo, apesar das tentativas, nunca deu certo com outro apresentador” (NOVAES JÚNIOR, 2006. p. 48), o que demonstrava a força pessoal e a credibilidade do comunicador. Até o ano de 2007 *A Hora do Fazendeiro* foi apresentado na Rádio Bahiana, sendo extinto quando o pastor Josué Augusto vendeu a emissora para o grupo Pazzi, como se verá no último capítulo deste trabalho.

Por fim, cabe atenção para uma questão curiosa. Os programas rurais, dedicados exclusivamente ao homem do campo, geralmente são levados ao ar em emissoras de rádio no horário matutino. Esta é uma

idéia tão fixa que foi encomendada uma vinheta cantada com o nome do programa e os músicos do estúdio colocaram, depois das vozes, o canto de um galo. Nada mais impróprio para um programa levado ao ar depois do almoço.²⁰ *A Hora do Fazendeiro* teve a peculiaridade de ser apresentado num horário sem tradição de programa rural, mas com absoluto sucesso e audiência.

1.3.2 A crônica social: o *Bom Dia* de Luiz Cotrim

“Neste horário passamos a apresentar o nosso *Bom Dia*, uma crônica escrita pelo professor Luiz Cotrim e levada ao seu receptor diariamente neste horário”. Esta era a abertura de um dos quadros de grande sucesso da Rádio Bahiana, o *Bom Dia* de Luiz Cotrim. Levado ao ar diariamente às 06:55, a crônica falava da vida social de Jequié. Boêmio, Luiz Cotrim freqüentava festas, bailes, aniversários, casamentos, missas, cultos, eventos, o reduto da alta sociedade. Tudo era narrado nas crônicas, sempre finalizadas com uma rosa vermelha à mulher homenageada naquele dia. Com linguagem poética e sempre galanteador, o *Bom Dia* de Cotrim foi, sem dúvida, um dos mais marcantes quadros do rádio jequeense. O *Poeta Dourado*, como é carinhosamente chamado, não falava de questões políticas polêmicas, narrava apenas fatos sociais. “Tem participação ativa na vida mundana e cultural da cidade, sendo um dos baluartes pela fundação da Academia de Letras de Jequié, em 1997” (RIOS, 1997. p. 128). Quem deu vida e voz às crônicas de Cotrim foi o locutor Ari Santana que também apresentou, ao lado de Gélia Ferreira, o programa *Hoje é Domingo*, também escrito por Luiz Cotrim. A crônica de Cotrim constituía-se em algo a ser guardado como recordação por aqueles que eram citados pelo poeta. “O pessoal ia em minha casa com a cópia da crônica para eu gravar para deixar em casa, para ter guardado aquilo ali” (SANTANA 1,26/03/2011)²¹. Depois de mais de trinta anos

²⁰Vinheta disponível em http://www.4shared.com/audio/cZkfTi9c/Vinheta_-_Hora_do_Fazendeiro.html.

²¹Transcrição de uma crônica de Luiz Cotrim levada ao ar na primavera de 1976.

Dona Edna Silva Cruz parabéns pelo aniversário do esposo Antônio Souza Almeida. Estando o lar em festa e o aniversariante recebendo cumprimentos. O casal feliz neste encontro. Olhe Edna, Roberto Carlos vem cantar na festa do seu lar. Antônio Souza Almeida, parabéns e tudo de bom.

na Rádio Bahiana o *Bom Dia* de Luiz Cotrim passou a ser apresentado na 95 FM, no mesmo horário, às 06h55.

Luiz Neves Cotrim é natural de Caetité – Bahia, nascido no dia 20 de outubro de 1919. Ainda jovem mudou-se para Jequié onde construiu sua vida. Professor de Língua Portuguesa por várias gerações no Instituto

Leda Fonseca Teixeira. Noiva e amanhã uma promoção no cenário encantado da juventude, o chá de cozinha. Uma festa de amor, e somente festa de juventude, porque somente quem é jovem para se ancorar com alegria num chá de cozinha o riso de cristal de Leda. A noiva tão bonita, ela e o bem amado Pedro Alves Lima. Anfitriões nesta festa Nair e Juvenal, meus amigos e, sobretudo, gente como Marinélia na envolvimento. Ela tão minha amiga e a amizade foi buscar tanta gente hoje cara ao meu coração. Judite e Alfredo com os filhos Lindi, Lídia e Elizeu, com Dene, Liu, Nanai e eu nem pensei nunca como eu iria dever tanto a Mari. A amizade destas pessoas hoje tão profundamente ligadas a mim por laços de tanta amizade. Sim, o chá de cozinha com o convidado Roberto Carlos cantando e encantando a noite tão jovem de Júnior e com apenas um traço de luar no céu.

Na biblioteca do IERP onde tenho ido invariavelmente à noite num intervalo qualquer para rever Humberto de Campos converso com Dina, a bibliotecária do horário. Muito amável esposa do professor Raimundo. E falo do aniversário do filho Vagner Meira Fernandes da Costa, doze anos, estudante e bom de bola. De sorte que os pais, com Júnior, cantam a canção de parabéns. A comemoração é amanhã, dia cinco, com os colegas reunidos no encontro de crianças e adolescentes. Dina na biblioteca do IERP é um convite à leitura mesmo nos curtos momentos. Sua cortesia, seu silêncio, sua bondade. Livro quer e requer carinho, aconchego. E é uma pena quando vejo um livro estragado, maltratado por mãos tão longe de poder acariciá-lo. Parabéns Vagner, pelo aniversário amanhã. Numa noite de festa no cenário da família com os pais sendo anfitriões. Festa do primeiro aninho de Geraldo Júnior, filho de meus amigos Geraldo e a professora Marilene. O nome do pai, que se alonga no cenário da casa. Geraldo é um dos comandantes da venda de automóveis na Jordan Ford e Peças, onde outro Geraldo tem os seus domínios. Geraldo Magela Andrade. Meus amigos Marlene e Geraldo, parabéns pelo primeiro aninho do filhinho. E vocês e ele, ouçam Roberto Carlos cantar. Nada melhor para que a manhã abra as cortinas do dia e possa a noite vir encontrar o lar em festa. Geraldo sabe comandar, também, as noites de festa na ACJ. Geraldo Júnior, no enlevo do carinho dos pais e dos amigos e motivo para uma braminha e frios e as crianças com doces. Parabéns.

Aniversário de Maria Lúcia, muito bonita neste encontro com a primavera. Mais um ano de vida, um marco no tempo. Eleodora e Eunice, o namorado e Lourival. Ainda outros nomes circulando. As colegas do básico no IERP. O locutor vai deixar o disco rodar. É assim, como uma homenagem aos aniversariantes e a quem amanhã viverá a bela noite do chá de cozinha. Leda minha amiga, você é noiva e bonita. Com uma rosa e o fundo musical, e um bom dia para você (COTRIM, LUIZ. 1976). Áudio disponível em http://www.4shared.com/account/audio/olp3HP6p/O_Bom_Dia_de_Luiz_Cotrin_-_197.html.

de Educação Régis Pacheco (IERP). É um dos membros fundadores da Academia de Letras de Jequié, titular da cadeira nº01 que tem como patrono Lindolfo Rocha. Luiz Cotrim falou de Jequié em suas crônicas e poesias²² com paixão. É um símbolo vivo da Cidade Sol.

²²Bibliografia: Seleção De Prosas e Versos (1982), Jequié, Poesia e Prosa (Sec. Cultura, Lazer e Esporte, 1992), A Poesia de Luiz Cotrim no Centenário de Jequié (Editora P&A, 1997). Fonte: www.alj.com.br.

2 O radiojornalismo

Muitos programas jornalísticos foram criados e apresentados em horários diferentes na Rádio Bahiana. De hora em hora, nos primeiros tempos, o *Correspondente N-27*²³ levava aos ouvintes as últimas notícias. Depois, no início da década de 1970, o noticiário passou a ser chamado de *Plantão Informativo*. *O Repórter Esclarece*, apresentado das 18h15 às 19h00 por Gildélito Ferraz, era um noticiário local com participações de repórteres ao vivo de pontos da cidade. Depois que a emissora ampliou a potência e obteve autorização para funcionar até a meia-noite foi criado *O Grande Jornal Falado*, das 22h00 à meia-noite, com as principais notícias do dia. *O Jornal da Manhã* foi levado ao ar das 07h00 às 08h00. Não havia uma divisão muito nítida entre repórteres e locutores. Muitos profissionais que trabalhavam na cabine da Rádio Bahiana também faziam reportagens.

As notícias regionais eram obtidas por meio da compilação de jornais impressos locais quase todos de vida efêmera, com exceção do *Jornal de Jequié*, fundado pelo jornalista e poeta Wilson Novaes em 1945 e em circulação até os dias atuais. As reportagens giravam em torno de política, polícia e cotidiano. As notícias estaduais, nacionais e internacionais eram compiladas de jornais impressos e também captadas de outras emissoras como as Rádios Globo, Tupi e Sociedade da Bahia, gravadas no gravador de fita de rolo e transcritas para serem lidas pelos locutores da Rádio Bahiana. “Gravava noticiário do Rio, São Paulo, Salvador” (TEIXEIRA, 12/03/2011). Merecem destaque redatores como Eutímio Almeida e João Mendes, considerados de escrita fácil e muito ágeis na máquina de datilografar.

O Eutímio Almeida que mora hoje em Feira de Santana era redator de notícias e de esporte da Rádio Bahiana. Era o único que batia a máquina numa velocidade com dois dedos que eu nunca vi coisa igual. Ele botava a gravação para tocar e transcrevia para fazer os textos do noticiário (LOPES, 13/02/2011).

²³Áudio disponível em http://www.4shared.com/audio/_TwnLN9W/Notcia_-_Correspondente_N-27.html.

Muitas vezes, por problemas com o equipamento, gravações de entrevistas etc., que faziam parte do noticiário tinham de ser veiculadas diretamente ao microfone. “Quando você ligava o gravador naquela mesa grande às vezes não saía, dava bronca. Então eu preferia fazer assim, botava a notícia (entrevista gravada) na boca do microfone” (MENDES, 12/03/2011).

Para fins deste trabalho relataremos alguns fatos marcantes no radiojornalismo da Bahiana de Jequié. O primeiro aconteceu no início da década de 1980. Por volta das 19h15, horário em que todas as emissoras de rádio do país transmitem em cadeia A Voz Do Brasil (noticiário oficial produzido pela Rádibrás) o repórter e radiooperador Inaldo Sardinha estava sozinho na emissora quando percebeu que um pequeno avião dava vôos rasantes sobre Jequié. Passados mais alguns minutos constatou-se que o piloto da aeronave estava perdido, sem encontrar um local para pousar a aeronave. O avião sobrevoava a cidade e causava preocupação. Foi então que Sardinha teve a iniciativa de interromper A Voz do Brasil e convocar motoristas para irem até o Aeroporto Vicente Grilo iluminar a pista, para que o pouso fosse realizado.

Eu fui até a porta da cabine de locução do estúdio principal, abri a porta, encostei uma cadeira, voltei para a técnica, abri o microfone, fiz o mesmo itinerário novamente e pedi à população que tivesse com veículo que se deslocasse até o aeroporto para poder acender os faróis para o avião pousar. Muitos carros foram e o avião pousou (SARDINHA, 11/03/2011).

No dia seguinte soube-se que no avião estavam um americano e um francês, diretores de uma empresa mineradora, além de piloto e co-piloto. Uma tragédia foi evitada graças ao bom senso de Inaldo Sardinha, e às ondas da Bahiana de Jequié. Venceu o espírito jornalístico diante da obrigação legal de transmitir A Voz do Brasil.

Um segundo fato marcante, transmitido pela equipe da Rádio Bahiana, que aqui abordaremos foi a queda de um avião no Aeroporto Vicente Grilo. Um monomotor que pertencia a um pecuarista conhecido na região como Doutor Gonzaga caiu na pista do aeroporto. O filho dele estava pilotando. “O avião caiu de bico no início da pista e nós corremos para o local” (MOURA, 24/05/2011). O piloto teve ferimentos

graves, foi levado para Salvador, mas resistiu. Hoje é piloto de aviões comerciais. “As nossas fontes eram a própria comunidade, o próprio povo fazia questão da presença da gente nos bairros, nos locais para dar as notícias” (MOURA, 24/05/2011).

Outro momento marcante para o Jornalismo da AM 472 foi uma grande enchente do Rio das Contas no início da década de 1980. Não teve as proporções da enchente ocorrida em 1914, que praticamente destruiu a cidade, mas foi suficiente para causar preocupação e deixar pessoas desabrigadas. A Barragem da Pedra teve de soltar mais de 2.500 metros cúbicos de água, uma parte baixa da cidade ficou completamente inundada.

A gente andava naquela época em uma mobilete, depois eu tive uma vespa. A gente andava nesses veículos fazendo reportagem de rua. Não havia VHF, a gente falava de orelhão, telefonando de orelhão com ficha pra chamar para o estúdio, pra botar a gente no ar e dando estas notícias da enchente, casas que caíram aqui em Jequié. O Rio das Contas e o Rio Jequiezinho cheios (MOURA, 24/05/2011).

O quarto acontecimento que destacamos é a polêmica entrevista concedida por Antônio Lomanto Júnior ao repórter Edísio Santana em 1992. O ano era de eleições municipais e Lomanto concorria com Ewerton Almeida (Tom Legal) ao cargo de prefeito de Jequié. Foi marcado um horário na Rádio Bahiana para que Lomanto gravasse uma entrevista que seria levada ao ar no dia seguinte, pela manhã. Ficou combinado de que, a entrevista seria veiculada na íntegra. O bate papo começou em tom cordial até que uma pergunta de Edísio Santana tirou do sério o veterano político. Queixava-se o ex-governador (PFL) de que o prefeito de então, Luiz Amaral (PMDB), não o apoiara no intento de eleger-se prefeito pela terceira vez, dizendo que não gostava de traição. Foi quando o entrevistador questionou: “O senhor disse que não gosta de traição. Então o senhor acha que Luiz Amaral deveria trair o seu partido pra apoiar o senhor e deixar de apoiar o candidato do partido?” (SANTANA 2, 26/03/2011). Foi então que Lomanto deu vários murros na mesa e, falando com o dedo em riste, esbravejou: “Não me chame de traidor eu não sou traidor! Você é um lobo em pele de cordeiro!”

(SANTANA 2, 26/03/2011). O Clima ficou tenso. Lomanto não estava acostumado a ser questionado daquela forma na Rádio Bahiana, emissora que lhe pertencera durante muitos anos. E o repórter indagou mais uma vez: “Doutor, a única coisa que eu quero que você me diga é se o senhor trairia seu partido pra apoiar candidatos de outro partido?” (SANTANA 2, 26/03/2011). Lomanto suava em bicas e ainda mais irritado falou alto e não respondeu ao questionamento. Aos poucos o clima foi mudando, e, no final, o político pediu o apoio do povo à sua candidatura. Sabendo da polêmica o diretor do Sistema Nordeste de Comunicação (grupo do empresário Pedro Irújo que comprou a Rádio Bahiana no fim dos anos 80) Moacir Mansur, pediu cópia da entrevista e não fez nenhuma objeção para que a mesma fosse exibida na íntegra, como assim foi feito no dia seguinte. Depois da veiculação Edísio Santana encontrou na rua um velho e conhecido “puxa-saco” de políticos de Jequié, que fez a seguinte indagação ao radialista: “Rapaz você é maluco? como você faz aquilo com Doutor Lomanto? você pode perder seu emprego” (SANTANA 2, 26/03/2011). Edísio deu de ombros e nada lhe aconteceu. Lomanto Júnior foi eleito e cumpriu o mandato de prefeito até primeiro de janeiro de 1996, quando transferiu o cargo para Roberto Pereira de Brito.

O rádiojornalismo da Bahiana de Jequié deu visibilidade à *Cidade Sol*. “Uma rádio sempre melhora uma cidade. O povo pode ser ouvido, pode reclamar, o que antes ficava só no boca a boca ou no serviço de alto-falante” (ARGOLO, 25/03/2011).

Segundo Ari Moura a forma de fazer rádiojornalismo na Bahiana influenciou gerações e até hoje apresenta reminiscências em Jequié, serviu de referência para outras emissoras implantadas na cidade.

Eu tenho certeza que a Rádio Bahiana de Jequié prestou um grande serviço. Tanto que a Rádio Bahiana, a sua programação principalmente jornalística, era tão boa, surtia tanto efeito que as FMs que foram chegando, a exemplo da 95 e depois a 93 e até outros que chegam agora adotam no jornalismo um trabalho popular, um trabalho nas ruas, nos bairros, mais ou menos daquilo que era feito na Rádio Bahiana nos áureos tempo (MOURA, 24/05/2011).

A Rádio Bahiana foi uma reveladora de talentos, uma espécie de

escola de bons profissionais que atuavam na parte de entretenimento e no radiojornalismo. Ari Santana trabalhou por um período na Rádio Sociedade da Bahia. Inaldo Sardinha teve passagens pelas Rádios Educadora de Ipiaú e Difusora de Itabuna.

Tivemos locutores que saíram daqui que foram brilhar em Feira de Santana, a família Veloso, por exemplo, que começou na Rádio Bahiana foi para Feira de Santana, outros foram para Salvador para a Rádio Sociedade da Bahia, Rádio Cultura. Eutímio Almeida até pouco tempo trabalhava na assessoria de imprensa da Prefeitura de Feira de Santana e tantos outros nomes (MOURA, 24/05/2011).

Merece referência a fundação do Sindicato dos Radialistas de Jequié comandada pelo rádiooperador Tadeu Antônio, hoje servidor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Vitória da Conquista. “Trouxe para Jequié Pedro Ferreira, ele fez algumas palestras conosco, os funcionários da Rádio Bahiana que quiseram” (SARDINHA, 11/03/2011). Além de Tadeu Antônio militaram no sindicato pessoas como Inaldo Sardinha, Humberto Oliveira (rádiooperador e depois locutor da Estação 93 FM), Narciso Veloso (locutor da Bahiana) Aloísio Rocha e Mister Boy (locutores da Estação 93 FM) até que foi dissolvido no final da década de 1990 e Jequié passou a contar com uma delegacia do Sindicato dos Trabalhadores em Rádio, Televisão e Publicidade do Estado da Bahia, SINTERP.

2.1 Opinião: os editoriais de Fernando Barreto e A-dauto Cidreira

Um dos jornalistas mais brilhantes de Jequié foi Fernando Barreto. Nascido na *Cidade Sol* trabalhou na imprensa do Sudeste do país, com destaque para a atuação no jornal *Tribuna da Imprensa* ao lado de Carlos Lacerda.²⁴ De volta à cidade mãe, Fernando foi cronista da Rádio Bahiana de Jequié, onde escreveu muitas crônicas que falavam da cidade.

²⁴Inimigo político de Getúlio Vargas, Carlos Lacerda foi o grande coordenador da oposição à campanha de Getúlio à presidência em 1950, e durante todo o mandato constitucional do presidente, até agosto de 1954. Uniu-se a militares golpistas e aos partidos oposicionistas (principalmente a UDN) num esforço conjunto para der-

Marcou época o programa escrito por Fernando Barreto chamado *O Cronista e o Mundo*:

Era um dos programas mais ouvidos de Jequié, porque ele fazia crônicas românticas. Eu me lembro de uma que li, era eu e Fernando Biondi, que o título era “nunca mais fitarei aquela estrela” (SANTANA 1, 26/03/2011).

Muitas cartas de ouvintes chegavam à emissora comentando os textos e dando sugestões de temas para o jornalista. Fernando Barreto era um literato. Em 1960 lançou um livro denominado *Roteiro Histórico-Sentimental de Jequié Cinqüentenária*, com versos e informações históricas sobre a cidade querida.²⁵

Outro destaque de Fernando Barreto na Rádio Bahiana de Jequié era o editorial *Nossa Opinião*, levado ao ar a partir de 1963, de segunda a sábado às 13h00. Com texto primoroso o jornalista falava de assuntos do cotidiano, principalmente de política. Analisava fatos de relevância

rubar o presidente Vargas, através de acusações que publicava em seu jornal, *Tribuna da Imprensa*. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Lacerda Acesso. 24/04/2010.

²⁵Trecho do livro *Roteiro Histórico-Sentimental de Jequié Cinqüentenária*, disponível no site da Academia de Letras de Jequié: “*Vem, forasteiro, vem conhecer a cidade. Desçamos as suas colinas, contornemos o vale e ganhemos a estrada. Vamos vê-la no seu louro de sol batido, na pele queimada das suas mulheres e nos ombros fortes dos seus homens de fé; vamos nos misturar com o povo e ouvir as suas lendas – aquelas que fazem a história verdadeira. A poesia da sua vida é uma aurora de esperança; a juventude da sua luta, uma promessa de ventura; a dedicação dos que a construíram, raiz da sua vontade.*

Vamos, vamos conhecê-la. É a nossa Cidade. Em cada canto, existe um halo de otimismo, um sorriso de amizade, um olhar de ternura. Não tem, decerto, encrustado no seu passado, nenhum deus mitológico, mas homens simples que a amaram de amor verdadeiro – amor que é abnegação, amor que é renúncia, amor que é sacrifício. Amante sublime, ela também os amou e os ama ainda, dividindo o seu coração generoso entre nativos e gringos, homens da sua terra e de terras outras, homens de vários portos, de várias línguas, homens do mundo.

Entra forasteiro, vem conhecê-la. Vem sentir o perfume das suas flores, a alegria dos pássaros que voltaram do inverno, a vida que palpita no seio farto. Vem.” Fonte: <http://www.alj.com.br/index.php?s=fernando+barreto> Acesso 24/04/2011. Texto gravado por Judson Almeida para fins de ilustração deste trabalho, disponível em http://www.4shared.com/audio/BLM6Q1ds/Texto_de_Fernando_Barreto_do_1.html.

nacional e contextualizava-os com a realidade regional. “Eu ficava abismado com a capacidade dele” (SANTANA 1, 26/03/2011). Fernando Barreto em muito influenciou a política com seus editoriais na Rádio Bahiana. Conta-nos Virgílio Argolo e Ary Santana que o jornalista foi um dos responsáveis pela candidatura de Lomanto Júnior ao governo do estado da Bahia na década de 1960. “Lomanto era da União dos Municípios” (ARGOLO, 25/03/2011), e com a bandeira do municipalismo lançou-se candidato. Fernando Barreto engajou-se na campanha e criou aquele slogan: “Atenção Bahia, o interior caminha para o governo, feijão na lapela” (SANTANA 1, 26/03/2011). Além de cronista Fernando Barreto também foi diretor da emissora. É patrono da Cadeira número 23 da Academia de Letras de Jequié. Uma escola municipal no bairro Jequezinho leva o seu nome.

Outro articulista de grande destaque na Rádio Bahiana de Jequié foi Aduino Cidreira. Nascido em Camamu – Bahia em 1º de agosto de 1909, chegou em Jequié em 1930. Aduino se apaixonou pelo jornalismo bem cedo. Entrou pela primeira vez em uma redação de jornal aos nove anos de idade. Viu que aquele era o seu destino. Colaborador de quase todos os jornais impressos de Jequié Aduino chegou à Rádio Bahiana no início da década de 1960, ao lado de Cid Teixeira, com a missão de reestruturar a emissora, quando a mesma foi vendida por Alceu Nunes da Fonseca para Antônio Lomanto Júnior. Junto com Cid Teixeira conseguiu recuperar o crédito da emissora na praça e assinar a carteira de trabalho de todos os funcionários que, até então, não tinham os direitos trabalhistas garantidos. “Aí eu cheguei, convoquei todos eles juntamente com Aduino Cidreira e procuramos legalizar. Em março nós legalizamos todos eles, março de 1960” (TEIXEIRA, 12/03/2011). Autodidata, Aduino Cidreira participou da fundação da *República Estado de Sítio*, um pensionato localizado na Praça da Bandeira de tendência anarquista, do qual saíram libertários que fundaram a Associação dos Empregados no Comércio de Jequié, hoje sindicato da categoria. De tendência libertária, Aduino Cidreira é definido por Evandro Lopes como anarquista: “O Aduino, a filosofia política dele era de anarquista. Aduino era anarquista por excelência” (LOPES, 13/03/2011) Leitor voraz, falou sobre muitos assuntos em seus editoriais na Rádio Bahiana: política, atualidades, economia, aspectos históricos de Jequié, coisas relacionadas à terra que escolheu para viver: “(...) comentava em cima

de um aspecto político, enfim, ele abordava de todas as maneiras de uma forma bastante versátil” (LOPES, 13/03/2011). Segundo texto do perfil de Deodato Astrê, membro da Academia de Letras de Jequié e ocupante da cadeira 19, da qual Aduino Cidreira é o patrono, o articulista “(...) possuía uma visão extraordinária. Era como se fosse dotado da faculdade de ver claramente o que os outros não percebiam senão sob esforço mental”.²⁶ Em *As Velhas Caminhadas* “(...) narrava os fatos por onde ele passou na política, envolvendo políticos com os quais ele conviveu” (NOVAES JÚNIOR, 26/03/2011).

A atuação de Aduino Cidreira na imprensa baiana, tanto no rádio quanto no jornal impresso, influenciou a carreira de vários jornalistas. Relata Wilson Novaes Júnior:

“Eu conhecia poucas pessoas que tinham a facilidade de escrever como o Aduino Cidreira. Eu tentava imitar os termos que ele utilizava porque ele era muito bom, tinha uma facilidade de redigir que era uma coisa impressionante (NOVAES JÚNIOR, 26/03/2011).

Os editoriais de Aduino causavam grande repercussão na sociedade jequieense. Boêmio²⁷, tinha muitos amigos, adquiriu prestígio e respeito, ingressou em entidades como Maçonaria e Rotary Clube. Elegeu-se

²⁶Texto disponível em

<http://www.alj.com.br/cadeiras/cadeira-19/#respond>.

²⁷Texto de Aduino Cidreira extraído do livro *Cem Anos de Poesia e Prosa*, editado pela Academia de Letras de Jequié. Narra o fim dois pontos a boemia jequieense, na primeira metade do século XX. A citada obra não traz a data em que o texto foi escrito. **Bar Fascista e Lanterna Verde** – *Caiu afinal, cedendo às exigências do progresso, o prédio onde era a Supermania; ali, segundo se conta, vai ser edificada a sede local de importante banco. Vale a pena lembrar alguns dados sobre o prédio que por mais de 60 anos era esquina da Rua João Mangabeira com a Avenida Alves Pereira. Aliás, já existia o prédio, quando aquelas artérias receberam nome. Construído por Salvador Colavolpe, que por algum tempo teve ali uma padaria, passou a ser loja A Indiana, de Nicolau Giudice; depois, armazém de compras com Maimone & Cia., voltando a ser loja Ameritália, de Grisi & Cia., cujo chefe era Ângelo Grisi, mais poeta que comerciante, hoje ainda forte e bem humorado nos encontros com os velhos amigos, desfrutando o ócio dos setenta e tantos de velhice; de Ameritália passou a Bar Fascista, onde as quintas-feiras à tarde reunia-se a juventude para um chá animado onde não faltavam chopp e tertúlias literárias com números de canto, música e declamação. Um pianista permanente alegrava o ambiente do Bar Fascista, já que não tínhamos então o conforto do rádio, tevê e energia.*

vereador, presidiu o legislativo. Era um homem de idéias renovadoras, as expôs por meio de veículos de comunicação (rádio e jornais) por onde passou.

Com a sua morte, em 15 de outubro de 1995, ficou uma lacuna na imprensa baiana, em especial nos jornais e na radiofonia de Jequié.

2.2 Os anos de chumbo: período pós-golpe de 1964

Os anos que se seguiram ao 31 de março de 1964 foram de relativa tranquilidade na Rádio Bahiana de Jequié. A emissora não enfrentou problemas relevantes por conta do controle dos veículos de comunicação e da censura imposta pelos militares, principalmente depois do Ato Institucional nº 05 de 13 de dezembro de 1968. No período pós-golpe a emissora já pertencia a Antônio Lomanto Júnior, então governador da Bahia. Lomanto elaborou um manifesto em apoio ao Presidente João Goulart, que não chegou a ser divulgado, face à rapidez com que o golpe foi desenvolvido. Conforme Emerson Pinto de Araújo: “João Goulart foi deposto e o Palácio do Governo do Estado da Bahia, mesmo sem a divulgação do manifesto, amanheceu cercado pelas tropas e canhões da 6ª Região Militar” (ARAÚJO, 1997. p. 421). Por pouco Lomanto Júnior não foi deposto. O único jeito de garantir a continuidade do mandato foi apoiar o golpe e contar com o apoio de pessoas que tinham ligações com os militares:

Salvou-o uma série de fatores, como o apoio incondicional do arcebispo Dom Álvaro Augusto da Silva, em nome do clero baiano, e a interferência do coronel Cabral, secretário de segurança pública, junto a Jarbas Passarinho, de

Ao lado do Bar Fascista, um salão de bilhares, no mesmo prédio e da mesma empresa que o sublocava, onde Gutemberg Ribeiro era o número de mais destaque, campeoníssimo estadual do taco. Em seguida, o Salão de Marcolino, um mulato alto e elegante, sempre de branco e gravata borboleta, camisa de palha de seda, árbitro de elegância, que tinha no salão um modelo de ordem e asseio e servia para os viajantes confrontarem-no com os da capital.

O local das velhas paredes vai continuar sem os ruídos dos velhos tempos, as confidências dos boêmios tresnoitados, a impaciência e o stress dos manipuladores de ases e curingas, no salão ao fundo, onde está a Mobiluz até a Damião Vieira e era então o Lanterna Verde. É o destino das coisas e pessoas, a renovação que o progresso e a fatalidade biológica determinam (apud RIOS, 2007, P. 13).

quem fora colega de turma. Pesou ainda a favor da manutenção do mandato de Lomanto Júnior a sua aproximação com o general Justino Alves, quando fez realizar um congresso de âmbito nacional no sul do país, na condição de presidente da Associação Brasileira de Municípios (ARA-ÚJO, 1997. p. 422).

Com Lomanto (proprietário da rádio) apoiando os militares e o medo geral que caracterizou os anos mais sombrios da ditadura, não houve na Rádio Bahiana quem aventurasse posicionamento público contrário ao estado de exceção. Os diretores Cid Teixeira e Aduino Cidreira chegaram a ser convocados a prestar esclarecimentos no quartel. Lá viram várias pessoas contrárias ao golpe presas, como o advogado Rui Alberto de Assis Espinheira. Cid e Aduino foram interrogados sobre várias questões: “Aí me fez um bocado de pergunta e liberou a gente, não teve nada” (TEIXEIRA, 12/03/2011). Não há registro de prisões de radialistas e jornalistas ligados ao quadro da Bahiana. O ato arbitrário de invasão do estúdio da emissora pelo tenente Etiene, conforme já narrado, deu-se antes do movimento de 1964.

Mesmo sem falas públicas contrárias ao golpe, profissionais da Rádio Bahiana sofriam uma pressão velada sobre o que deveriam falar aos microfones da emissora. O radialista João Mendes assevera:

Não podia falar sobre quase nada. Era limitado a notícias de futebol, notícias de morte, de acidente essas coisas assim. Quando era política tinha: cuidado, olha você cuidado. Sempre recebia apontamentos de cuidado. A polícia tá aí, o exercito tá aí. (MENDES, 12/03/2011)

O locutor Ari Santana revela que viveu um momento difícil no período dos anos de chumbo por conta de uma palavra lida ao vivo de forma equivocada: “Naquela época eu fiz um noticiário às nove da manhã e falei: ‘O presidente da república Costa e Silva esteve em uma reunião de cópula²⁸ hoje’, e coisa e tal” (SANTANA 1, 26/03/2011). Percebendo a gafe Aduino Cidreira, cronista e um dos diretores da Rádio Bahiana, chamou Ari Santana e pediu que ele gravasse o mesmo

²⁸Cópula: O ato sexual; coito (sinôn. copulação). (FERREIRA, 1987)

noticiário lido ao vivo às nove da manhã. “Eu disse: o que houve? Nada! Grava esse noticiário como ele está aí. Aí eu gravei: ‘O presidente Costa e Silva esteve em uma reunião de cúpula hoje...’” (SANTANA 1, 26/03/2011). Logo em seguida um representante do exército procurou Adauto Cidreira para pedir explicações sobre o que ouvira no ar. O cronista, então, mostrou a gravação e argumentou que o militar ouviu mal, entendeu errado. “Ele passou a gravação e o tenente disse: ‘mas não é possível, eu ouvi cúpula’” (SANTANA 1, 26/03/2011). Adauto Cidreira pensou rápido e livrou Ari Santana de um possível problema com os militares. “Ele usou a cabeça, só que não me falou nada porque eu iria ficar nervoso se ele falasse não é?” (SANTANA 1, 26/03/2011).

A Rádio Bahiana não chegou a ter a presença de censores em seu estúdio e redação, mas todo o noticiário era gravado e arquivado.

Tudo que dizia a respeito do governo, principalmente Federal, era um zelo naquilo que ia ser divulgado. No programa jornalístico tinha que passar pela censura de gravação e todos eles datilografados, e arquivados com a assinatura de punho pelo locutor (SANTANA 2, 26/03/2011).

Os grilhões invisíveis da censura na Rádio Bahiana foram se afrouxando a partir do início da década de 1980 e se romperam em definitivo com a abertura democrática em 1985. “Foi um período péssimo. Quem viveu não deve ter saudade. É melhor uma democracia ruim do que uma boa ditadura, pode ter certeza” (MENDES, 12/03/2011).

2.3 Transmissões externas

Muitos eventos considerados importantes para Jequié e para a Bahia foram transmitidos pela Rádio Bahiana. Posses de governadores, prefeitos; visitas de personalidades da política, da música, da ciência; competições esportivas; sessões na câmara de vereadores, inaugurações de logradouros públicos e de empreendimentos particulares; bailes de carnaval. As festas carnavalescas eram transmitidas do Jequié Tênis Clube, da Associação Cultural Jequeense, ACJ, do Clube do Jequezinho e das ruas da cidade. As apurações das eleições municipais (de Jequié e municípios vizinhos), estaduais e federais também foram transmitidas do

Jequié Tênis Clube, do Centro Social Urbano (CSU) e do Ginásio de Esportes Aníbal Brito. Como o voto era registrado em cédulas de papel a apuração era lenta, a equipe da Rádio Bahiana passava vários dias informando ao ouvinte os boletins.

Uma curiosidade é que, durante muito tempo não existia horário eleitoral gratuito, e as emissoras de rádio não eram proibidas de transmitir comícios. Cabe salientar que só eram transmitidos os comícios de candidatos ligados ao grupo político do proprietário da emissora, a saber, Lomanto Júnior: “De Clóvis Barreto, de Lomanto, todos da situação, só os de Lomanto” (TEIXEIRA, 12/03/2011). O jornalista Wilson Novaes Júnior também relata: “Lá em casa o rádio ficava ligado ouvindo os comícios. Só transmitia o lado que bem interessasse, é bem verdade, que era o lado do doutor Lomanto” (NOVAES JÚNIOR, 26/03/2011). Era a tentativa do veículo de comunicação em moldar a opinião pública, estratégia que muitas vezes se mostrava ineficaz. Por certo outros fatores influenciavam na decisão dos eleitores, não era o fato de a rádio apoiar de forma aberta determinado candidato que a eleição deste estaria garantida. Tanto é que, nas eleições municipais de 1962, vários comícios do candidato Clóvis de Souza Barreto²⁹, apoiado por Lomanto Júnior proprietário da emissora na época, foram levados ao ar pela Rádio Bahiana, mas as urnas deram vitória ao médico Daniel Andrade. Assim narra Emerson Pinto de Araújo:

Além da popularidade que desfrutava como médico nas camadas populares, vários outros fatores contribuíram para a vitória do novo titular da prefeitura, contando com o apoio dos desafetos de Lomanto Júnior, dos partidários do candidato Waldir Pires, vencido no pleito para governador, e de grande parte dos evangélicos. Na eleição municipal, o eleitorado de Lomanto Júnior se dividiu entre Milton de Almeida Rabelo e Clóvis de Souza Barreto (ARAÚJO, 1997. p. 423).

Destacaremos, aqui, duas transmissões históricas para Jequié, feitas pela Rádio Bahiana. A primeira em 1985. O então prefeito Landufo

²⁹Trecho da transmissão de um comício de Clóvis Barreto disponível em http://www.4shared.com/audio/AOCRfICy/Transmisso_do_comcio_de_Clvis_.html.

Caribé, que tomara posse em 1983 para um mandato de seis anos, enfrentava sérias dificuldades de relacionamento com o legislativo municipal; a oposição era ampla maioria e o prefeito argumentava que não poderia continuar refém dos vereadores, que lhe negavam créditos suplementares, deixando a administração refém do parco orçamento do município. “Acuado, vendo sua popularidade cada vez mais em baixa, Landufo Caribé escolheu o caminho errado, passando a agir autoritariamente, voltando as costas para a Câmara de Vereadores” (ARAÚJO, p. 454). O município mergulhara em uma crise política que teve o seu ápice em 19 de novembro de 1985, quando a Câmara cassou Landufo Caribé:

O agravamento do conflito envolvendo o Executivo e o Legislativo atingiu seu clímax em novembro de 1985, quando a Câmara de Vereadores, em Decreto Legislativo nº 6, datado do dia 19, cassou o mandato de Landufo Caribé, acusado de não cumprir as determinações legais, assegurando a posse do vice-prefeito José Simões de Carvalho (ARAÚJO, 1997, p. 455).³⁰

Relata o radialista João Mendes, um dos profissionais que trabalharam na transmissão do *impeachment* de Caribé³¹, que a sessão foi longa: “Transmiti até duas horas da manhã, de oito da noite até as duas da manhã” (MENDES, 12/03/2011). O plenário da Câmara estava lotado, os discursos inflamados contra o prefeito sucediam-se. Depois do resultado e do encerramento da sessão seguiram-se entrevistas com autoridades e pessoas presentes. Uma noite histórica e de muita audiência para a Bahiana, já que, pela primeira vez um prefeito de Jequié foi submetido a tal processo. “Para mim foi uma grande experiência, eu nunca tinha assistido a uma ação deste tipo, a cassação de um prefeito”

³⁰*Houve, meses depois, um breve retorno de Landufo Caribé ao exercício do cargo de prefeito, para novo afastamento, que perdurou até 22 de janeiro de 1987, quando por decisão da Justiça reassumiu a chefia da Comuna, cumprindo o restante do mandato, que perdurou até 31 de dezembro de 1988 (ARAÚJO, p. 455).*

³¹Com base nos depoimentos colhidos constatamos que também participaram da transmissão o radialista Inaldo Sardinha e o jornalista Wilson Novaes Júnior, este como colaborador, já que não fazia parte do quadro de funcionários da emissora. Já o senhor Cid Teixeira, diretor da rádio na época, não forneceu informações sobre o fato.

(MOURA, 24/05/2011). A movimentação política daquela noite teve grande repercussão no cenário político regional e estadual. Interessante é que, em 1985, a Rádio Bahiana ainda pertencia ao grupo Leur e Lomanto Júnior, e este apoiara Landufo Caribé no processo eleitoral.

Outro fato histórico, transmitido pela Rádio Bahiana e que nos propomos a relatar neste capítulo, foi a queda do Edifício Grilo. Depois da enchente que devastou a cidade nos primeiros dias de 1914 a empresa Grilo Marota, do imigrante italiano Vicente Grilo ergueu, num mangueiro pertencente à empresa, um sobrado que se tornaria motivo de admiração para moradores e forasteiros. Talvez o Edifício Grilo tenha sido o símbolo maior do soerguimento da cidade passada a fúria das águas. O historiador Emerson Pinto de Araújo narra detalhes da construção do pomposo prédio.

O cimento vem da Inglaterra, em barricões de 180 quilos. Vem de navio, vem de trem até onde chegam os trilhos da Estrada de Ferro Nazaré. Daí em diante, pesados demais para lombos de burros, os barricões, por ínvios caminhos, são transportados em carros de bois (ARAÚJO, 2007. p. 253).

Além de cartão postal da cidade o Edifício Grilo serviu de centro de decisões, abrigou famílias quando jagunços sitiaram Jequié, sediou o primeiro estabelecimento de ensino médio, a primeira agência bancária, abrigou casas comerciais, uma agência da Coelba, lanchonetes, a sede do serviço de alto-falantes de Zuzinha (onde trabalhara Geraldo Teixeira) etc.

Eis que no dia seis de junho de 1989 um fato selaria o destino da histórica construção. O rompimento de uma peça do madeiramento do telhado chamada tesoura, no primeiro andar, fez uma das paredes do Grilo ruir. Os destroços caíram em cima de veículos estacionados na Rua 2 de Julho e um lavador de carros morreu embaixo dos escombros. Era por volta de uma e meia da tarde. O senhor Cid Teixeira fazia o cruzamento da Avenida Rio Branco com a Rua 2 de Julho de onde viu o desabamento, João Mendes estacionava a velha Brasília na Praça Rui Barbosa quando ouviu o estrondo. Seguiram imediatamente para a sede da emissora. Neste dia Edísio Santana apresentava *A Hora do Fazendeiro*, tendo na sonotécnica Inaldo Sardinha. No momento do

desabamento a rede elétrica foi danificada, a Rádio Bahiana saiu do ar. O barulho foi ensurdecedor e uma nuvem de poeira cobriu o local. Edísio e Sardinha correram para a sacada da rádio (a Rádio Bahiana ficava no segundo andar do Edifício 2 de Julho, em frente ao Edifício Grilo) e viram o cenário da tragédia. Como o transmissor da emissora ficava na Granja Pindorama, no bairro São Judas Tadeu, o sinal da rádio permaneceu no ar. Foi então que Inaldo Sardinha e Edísio Santana fizeram uma ligação direta de uma maleta (equipamento de transmissão externa) que funcionava a pilhas com a linha que levava o áudio da emissora ao transmissor e passaram a narrar os momentos seguintes à queda de parte do Edifício Grilo. Aos poucos outros profissionais da rádio foram chegando e se juntaram na busca e transmissão de informações sobre o acontecimento.

Numa prova inequívoca de falta de sensibilidade e compromisso com a preservação do patrimônio histórico e cultural de Jequié o Edifício Grilo foi demolido. O desabamento foi em uma parede do primeiro andar, mas todo o prédio foi colocado abaixo sem nenhuma necessidade. Derrubaram um capítulo da história de Jequié. O prédio não era tombado pelo Patrimônio Histórico. A administração municipal nada fez para evitar a demolição: “Ali foi um erro da administração Luiz Amaral. Era só recompor o prédio, o mais bonito e antigo de Jequié” (MENDES, 12/03/2011). “O Sobrado dos Grilos foi um marco na vida da cidade que ajudou a crescer. Hoje, pela incúria dos homens, existe apenas nas fotografias, existe na lembrança dos que o viram de pé” (ARAÚJO, 1997 p. 254). O desaparecimento de um dos mais importantes patrimônios históricos de Jequié foi transmitido e acompanhado pela Rádio Bahiana que, algum tempo depois, teria o mesmo destino, como se verá no derradeiro capítulo deste trabalho.

2.4 *Músicas e Informações: um programa de Geraldo Teixeira*

No horário nobre das 10h00 às 12h00 na Bahiana de Jequié, Geraldo Teixeira levava ao ar de segunda a sábado o programa *Músicas e Informações*. Uma revista no rádio, que mesclava jornalismo, entretenimento e utilidade pública. Era uma tradição ouvir a voz grave de Geraldo anunciar: “Alô amigos está no ar *Músicas e Informações*, um programa

de Geraldo Teixeira”, tendo como fundo musical Herb Alpert & the Tijuana Bra - El Presidente.³²

Produzido e apresentado por Geraldo, coordenador de programação da emissora, o programa foi líder de audiência nas manhãs de Jequié, até mesmo por algum tempo depois da chegada da primeira emissora em frequência modulada da cidade. Eclético, *Música e Informações* abria espaços para artistas locais e de outras plagas que aportavam em terras jequieenses. Apresentava quadros como: *aniversariantes do dia, queixas e reclamações, não está certo* (comentário sobre algum problema enfrentado pela comunidade), participações do ouvinte por telefone etc., as propriedades nutritivas e medicinais dos alimentos. No *Músicas e Informações*, além do *Plantão Informativo* de hora em hora, eram veiculadas notícias locais e nacionais, além de notícias do esporte. Os repórteres da Bahiana de Jequié participavam com *flashes* ao vivo de qualquer ponto da cidade. O programa abria espaço, também, para apelos de pessoas necessitadas. Gente que precisava de objetos como muletas, cadeiras de rodas, passagens de ônibus recorriam ao programa e muitas vezes conseguiam aquilo de que tanto precisavam. Conta-nos Edísio Santana que muitas vezes o próprio Geraldo Teixeira fazia contato com instituições para que ouvintes do programa fossem ajudados: “Ele tinha uma influência muito grande dentro das lojas maçônicas, dentro do Rotary, do Lions Clube. Ele conseguia por meio da amizade, fornecia cadeiras de rodas, enxovais para gestantes...” (SANTANA 2, 26/03/2011).

Geraldo encerrava o programa com *Um Minuto de Sabedoria*, mensagens de Torres Pastorino,³³ do livro clássico *Minutos de Sabedoria*,

³²Disponível em http://www.4shared.com/audio/lgsCrZ8R/Herb_Alpert__the_Tijuana_Bra_-.html.

³³**Carlos Juliano Torres Pastorino** foi um ex-padre que se dedicou ao estudo da Doutrina Espírita e da fenomenologia mediúmica. Senhor de grande inteligência, publicou extensa bibliografia de mais de 50 obras, muitas delas ainda inéditas. Poliglota, traduziu obras de diversos idiomas. Foi também radialista, sendo a sua obra magna - "*Minutos de Sabedoria*- uma coleção de suas mensagens propaladas no rádio. Compôs 31 peças musicais para piano, orquestra, quarteto de cordas e polifonia, a três e quatro vozes. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Torres_Pastorino. Acesso 26/04/2011.

ao som de Exodus, de Ernest Gold³⁴. Depois o fundo musical El Presidente era tocado mais uma vez, e Geraldo se despedia de sua audiência. Retornava sempre às 18h00, para apresentar a tão querida *Ave Maria*. *Músicas e Informações* era a síntese de tudo que era levado ao ar pela Bahiana: notícia, esporte, serviço, entretenimento, utilidade pública. Uma revista apresentada por um comunicador carismático e marcante que, devido sua popularidade, elegeu-se vereador de Jequié. Entretanto não obteve sucesso na segunda candidatura ao legislativo municipal.

O programa *Músicas e Informações* saiu do ar no início da década de 1990. A mudança fez parte de uma reestruturação na grade de programação da Rádio Bahiana promovida pelo Sistema Nordeste de Comunicação. O jornalista Ari Moura, coordenador de programação na época, relata:

*Acabei com o programa e coloquei outro no horário. Resultado: um ano depois a gente ainda recebia cartas para o *Músicas e Informações*. Esse foi um grande erro que eu cometi na época (MOURA, 24/05/2011).*

Geraldo Teixeira era um curinga na Rádio Bahiana. Profissional versátil, sempre que preciso fazia outros horários e desempenhava as mais variadas funções na emissora. Aposentou-se em meados da década de 1990, depois de mais de 40 anos de atuação no rádio jequieense. “Geraldo Teixeira foi um exemplo de profissional, uma pessoa íntegra, correta, maravilhosa” (MOURA, 24/05/2011). Faleceu, aos 82 anos de idade, no dia 16 de agosto de 2010 em Salvador – Bahia.

2.5 O esporte

O esporte amador e profissional de Jequié teve ampla cobertura da Rádio Bahiana. Programas de estúdio e transmissões esportivas marcaram a história da emissora. Segundo Virgílio Argolo o primeiro narrador esportivo foi um cidadão chamado Ubirajara: “Ele foi locutor da rádio aqui durante muito tempo. Ele veio de lá da Rádiorinterior, ele trabalhava na rádio de Barramansa” (ARGOLO, 25/03/2011). Outros profissionais fizeram parte da equipe e as transmissões esportivas das disputas

³⁴Disponível em http://www.4shared.com/audio/hQ6fpjxl/Henry_Mancini_-_Exodus__Theme_.html.

do campeonato amador e do intermunicipal ainda estão na memória de muitas pessoas. Os narradores Wilson Senhorinho e José Mariano, os repórteres de pista Nilton Torres e Péricles Edmundo e os comentaristas Eutímio Almeida, Evandro Lopes e Laerson Soares por muito tempo fizeram parte do time de esportes da Bahiana. “Posteriormente veio o futebol profissional e a essa equipe somaram-se Luiz “Laymon” Gonzaga, Innaldo Sardinha, que considero um dos melhores repórteres de pista da Bahia, e Edísio Santana” (NOVAES JÚNIOR. 2006. p. 48). Ari Moura e João Mendes também deram contribuições importantes em coberturas esportivas feitas pela Rádio Bahiana.

Evandro Lopes chegou à emissora em 1965, quando Laerson Soares era o chefe da equipe de esportes. “De repente eu fui convidado por Perinho, que também fazia parte da equipe, para fazer reportagem de campo, no velho estádio Aníbal Brito” (LOPES, 13/03/2011). Tempos depois, com a ida de Laerson Soares para Salvador, Evandro Lopes tornou-se o chefe da equipe de esportes e comentarista: “Passou-se (*sic*) as eleições, Laerson era candidato a vereador, não se elegeu, ficou meio chateado e foi embora para Salvador” (LOPES, 13/03/2011). O esporte em Jequié teve grande impulso com a equipe da Rádio Bahiana. Com a divulgação e o incentivo ao campeonato realizado no bairro Jequeizinho, no velho estádio Aníbal Brito, foi que surgiu a Associação Desportiva Jequié, como narra Evandro Lopes:

No ano de 1966 já para 1967 apareceram alguns craques na época e nós montamos uma grande seleção de 1967. Pelo desempenho dessa seleção veio a ser implantada, criada a Associação Desportiva Jequié (LOPES, 13/03/2011).

Na construção do Estádio Municipal a equipe da Bahiana de Jequié também deixou marcas. O então prefeito Waldomiro Borges³⁵ quis a opinião dos integrantes da equipe sobre a construção do equipamento esportivo:

³⁵“Dentre os vários trabalhos levados a efeito pela Comuna merece destaque a edificação do novo prédio da prefeitura, a construção do Estádio Municipal, o Belvedere e a modernização da Praça Rui Barbosa, a melhoria da praça Luiz Viana (...)” (ARAÚJO, 1997. p. 428.429)

Em 1966, quando seo Waldomiro foi eleito, ele nos convidou no prédio velho da prefeitura e disse uma expressão interessante: “olha, eu chamei vocês aqui para falar do futebol, porque de futebol eu só entendo que a bola é redonda e eu queria discutir com vocês aonde é melhor construir o estádio. (LOPES, 13/03/2011).

E a equipe transmitiu a partida de inauguração do estádio Waldomiro Borges, no dia 25 de outubro de 1970 entre Associação Desportiva Jequié – ADJ e São Cristovão de Salvador. O placar foi de 0 X 0.

Segundo relatos de Ari Moura em junho de 1974 a equipe do Flamengo disputou um amistoso com a seleção de Jequié no Estádio Waldomiro Borges. Além da Rádio Bahiana, também esteve presente no estádio a Rádio Globo do Rio de Janeiro, com os locutores Antônio Porto e Áurio Amino. “A Rádio Globo teve dificuldades no equipamento e não pôde fazer a transmissão como deveria e recorreu à Rádio Bahiana, que emprestou um equipamento” (MOURA, 24/05/2011). A equipe do Flamengo venceu a partida pelo placar de um a zero. Na semana seguinte foi realizado um Fla Flu no Rio de Janeiro. Durante a partida um torcedor do Fluminense teria invadido o Maracanã, ocasião em que Antônio Porto fez o seguinte comentário: “(...) pior foi em Jequié, que o prefeito entrou com um cavalo em campo pra dar o ponta pé inicial” (MOURA, 24/05/2011). Ari Moura, que na época era proprietário de um escritório de contabilidade rural, tentou por dias seguidos desmentir, por telefone o fato. Conseguiu às cinco da manhã no programa de Luciano Alves.

Eu contestei, o Luciano achou graça e me convidou para que todos os sábados eu passasse matérias daqui de Jequié e da Bahia para o programa dele. E assim foi feito. Levei cinco anos como correspondente da Rádio Globo aqui em Jequié (MOURA, 24/05/2011).

Posteriormente, convidado por Mascarenhas Filho para fazer *flashes* no *Clube da Juventude*, Ari Moura ingressou na Rádio Bahiana e se tornou um dos radialistas mais conhecidos da cidade, inclusive pela atuação na equipe de esportes.

José Mariano Ferreira, uma figura saudosa do esporte e que foi locutor-narrador, eu e Sardinha fomos para o Rio de Janeiro transmitir um jogo de futebol de salão do Jequié contra o Bradesco. Saímos daqui em uma caravana e a Rádio Bahiana foi transmitir esse jogo (MOURA, 24/05/2011).

Outro radialista que fez história da Rádio Bahiana foi Inaldo Sardinha. Chegou à emissora no final da década de 1970 e se tornou uma das figuras mais conhecidas na região de Jequié. Conhecedor profundo do assunto, Sardinha comandou um programa esportivo que ia ao ar do meio dia a uma da tarde. Nas transmissões esportivas atuava como repórter de campo, fato lembrado por Wilson Novaes Júnior no livro *Garimpando a Imprensa numa Cidade Só*, acima referido. Lembra o radialista que, no ano de 1984, em uma partida entre a Seleção de Jequié e a Seleção de Ubatã deu-se uma tremenda confusão e ele, que foi à cidade junto com Edísio Santana para transmitir a partida, acabou envolvido. O mando de campo era de Ubatã, mas o jogo foi realizado na vizinha cidade de Gongogi.

Na hora do jogo o árbitro foi mandado pelo prefeito de Ubatã para Salvador, porque o árbitro reserva era irmão do prefeito, que por sua vez era presidente da liga de Ubatã. Ele imaginou que o irmão indo para o apito a seleção dele ganharia fácil (SARDINHA, 11/03/2011).

Só que houve um pênalti a favor da seleção de Ubatã e o árbitro deu um deslance dentro da pequena área do Jequié. Quando o prefeito viu que a cobrança feita não resultou em gol começou a confusão:

Saiu dando porrada em todo mundo, quebrou a prancheta que tava em minha mão, quebrou gravador (...) pra sairmos da cidade tivemos que ter o apoio de duas ou três viaturas da polícia militar (SARDINHA, 11/03/2011).

Narra Edísio Santana: “(...) nós saímos e tivemos que mudar o percurso. Chegamos em Jequié quase a uma hora da manhã, porque o pessoal de Ubatã queria pegar toda a delegação de Jequié e quebrar no pau” (SANTANA 2, 26/03/2011).

Outro acontecimento histórico para Jequié e que teve a contribuição da equipe de esportes da Rádio Bahiana foi a transformação do velho campo do Aníbal Brito em um moderno Ginásio de Esportes. O assunto foi exaustivamente debatido na emissora e cobrado das autoridades a construção do ginásio, inaugurado no início da década de 1980 com grande festa, e com transmissão ao vivo da ZYH 472.

Tinha no programa esportivo a participação do público, as ligas dos bairros participavam. Era um trabalho essencial para a existência do esporte na cidade, que culminou com a inauguração do Ginásio de Esportes Aníbal Brito. Foi uma luta que saiu praticamente de dentro da Rádio Bahiana (MOURA, 24/05/2011).

Merece registro a chegada do locutor Tony Silva à Rádio Bahiana de Jequié para narrar futebol. No início da década de 1990 o veterano José Mariano já não narrava os jogos com a mesma frequência. Foi então que Tony, locutor de grande sucesso na Estação 93 FM, passou a narrar futebol aos domingos, sem, contudo, se desligar da 93 FM. Posteriormente, em meados de 1991 Tony Silva montou a equipe de esportes da 93 FM, deixando a Rádio Bahiana de Jequié.

2.6 Fatos pitorescos

Neste capítulo serão narrados alguns fatos curiosos que aconteceram na Rádio Bahiana de Jequié. Histórias que fazem parte do anedotário daqueles que trabalharam na emissora.

Começaremos pelo locutor que se recusava a anunciar nomes de certas músicas, como “Tô com o diabo no corpo” com Nara Leão e “Meu homem” com Fafá de Belém, conforme lembra Inaldo Sardinha:

Ele sempre anunciava uma dose tríplice: “nós vamos ouvir agora Jessé com Porto Solidão, Vanderlea com Prova de Fogo, mas essa aí eu não anuncio não, pode rodar, mas eu não anuncio”. Era a música de Fafá de Belém, Meu Homem (SARDINHA, 11/03/2011).

Quando a música “Chão de Estrelas”, composta por Orestes Barbosa e Sílvio Caldas e originalmente interpretada por este, foi gravada pelos Mutantes, deu-se a revolta dos românticos e fãs de Sílvio Caldas. A releitura dos Mutantes foi uma sátira, um deboche mesmo à canção que tanto embalou juras de amor.³⁶ Inconformado, Geraldo Teixeira, coordenador de programação da Rádio Bahiana proibiu a veiculação da música na emissora, por entender ser a regravação uma blasfêmia à *Música Popular Brasileira*. Conta Aroldo Vieira que, para ter certeza de que a música não seria tocada em nenhum horário na emissora, Geraldo “(...) riscou com um prego o disco, e riscou mesmo a faixa, para que ninguém tocasse a música” (VIEIRA, 13/03/2011). Da mesma forma a música “Cálice” de Chico Buarque e Gilberto Gil, composta no período da repressão militar, foi riscada. A composição é um exemplo de jogo lingüístico feito para driblar a censura e transmitir mensagens contra o regime de exceção. Em um primeiro momento Geraldo não compreendeu a mensagem e banuiu a música da programação da Rádio Bahiana: “(...) ele falou para mim, pessoalmente: ‘isso é uma falta de respeito com a Igreja’” (MENDES, 12/03/2011).

Quando Daniel Andrade assumiu a prefeitura de Jequié nomeou como seu assessor um cidadão chamado Roque Sampaio, apelidado de Roque Preto, alcunha detestada pelo dono. Certa feita, quando o Tenente Lima era o responsável pelo departamento de notícias da Rádio Bahiana, o assessor foi até a emissora para falar com o tenente: “Seo tenente, eu perdi meus documentos e gostaria que o senhor anunciasse na rádio” (SANTANA 2, 26/03/2011). O anúncio foi feito no *Grande Jornal Falado* das 22h00. No dia seguinte o dito Roque Preto foi à rádio dizer uns desaforos ao tenente, por conta do anúncio da noite anterior: “Eu quero que você me respeite, meu nome não é Roque Preto” (SANTANA 2, 26/03/2011). Ficou prometido ao assessor que seria divulgada uma nota retificando o equívoco, redigida e lida ao microfone da seguinte maneira: “Senhoras e senhores, ontem nós anunciamos que Roque Preto perdeu os documentos. Não é Roque Preto é Roque Sampaio. É que o senhor Roque Sampaio é conhecido como Roque Preto” (SANTANA 2, 26/03/2011). Mais uma vez Roque Preto foi à rádio e deu-se uma grande confusão.

³⁶Chão de Estrelas, com Os Mutantes, disponível em http://www.youtube.com/watch?v=bIPEj_ZMAyo.

Em meados da década de 1980, no início do movimento musical denominado *Axé Music*, a música “Chupa Toda” estava no topo das paradas de grande parte das rádios da Bahia. Era carnaval em Jequié e a música mais executada pelas bandas nos clubes e na festa de rua era “Chupa Toda”, com letra de duplo sentido, de causar arrepios nos mais conservadores e moralistas. Na cobertura da festa de Momo, João Mendes avistou o capitão Ranulfo, comandante do policiamento na cidade e resolveu entrevistá-lo ao vivo. Primeiro o repórter pediu ao militar que fizesse um balanço das ocorrências até o momento. Feliz com a pergunta o capitão respondeu com desenvoltura. Terminado o balanço foi surpreendido com o seguinte questionamento: “Capitão, e essa música aí, ‘Chupa Toda’?” (MENDES, 12/03/2011) Desnorteadado, olhou furioso para João Mendes e limitou-se a dizer: “Prefiro não falar. Sem comentários” (MENDES, 12/03/2011).

Um fato triste, mas que não deixa de ser curioso, aconteceu na sacada do prédio da Rádio Bahiana. De vez em quando um radioperador, em estado etílico, cismava em jogar discos velhos de vinil em cima do telhado do Edifício Grilo, em frente à emissora. Gostava de ver o brilho do vinil pairando no ar até cair no prédio vizinho. Certa feita, a bebida foi ingerida mais que o de costume, o radioperador resolveu “lançar” mais um disco. Foi quando perdeu o equilíbrio e despencou da sacada da rádio, do segundo andar: “Foi jogar e desceu, bateu a nuca no meio fio e morreu” (TEIXEIRA, 12/03/2011). Quando o Edifício Grilo foi demolido foram encontrados alguns discos “lançados” pelo rádiooperador.

No programa *A Hora do Fazendeiro*, como já dito, dezenas de recados eram lidos todos os dias. Todas as notas que chegavam manuscritas eram passadas a limpo para que fossem lidas no ar, sem erros. Ler os recados sem passar a limpo era um perigo, significava erro certo. Certa feita o locutor (não foi Ari Santana, neste dia o titular do programa não estava em serviço) assumiu o risco de decifrar a letra de quem escreveu a nota, e assim o recado foi para o ar: “Atenção fulana de tal na fazenda de seo Altamirando. Sua mãe avisa que já está morando na rua com o Nego Jacinto”. Achando o recado um tanto estranho, leu mais uma vez a nota, só então conseguindo compreender o que estava escrito: “Perdão ouvintes, na Rua Cônego Jacinto”. Este mesmo locutor, quando do lançamento do primeiro LP da banda

Os Paralamas do Sucesso no final da década de 1970 anunciou efusivamente na Rádio Bahiana: “Nós acabamos de ouvir Os Palerrrrmas do Sucesso” (SARDINHA, 11/03/2011). Foi quando Inaldo Sardinha chamou a atenção do locutor, e a correção veio de imediato: “O garoto Sardinha está aqui me informando que o cantor é Os Paralamas do Sucesso” (SARDINHA, 11/03/2011). Errou da mesma forma. Trata-se de uma banda...

Na lembrança dos que trabalharam na Rádio Bahiana de Jequié está viva a figura de “Antena”, pseudônimo usado por alguém que escrevia semanalmente no Jornal de Jequié sobre os bastidores da rádio, erros e gafes porventura cometidos pelos locutores no ar. “Você errava e ele mandava brasa no jornal”. (SANTANA 1, 26/03/2011) “Antena” opinava sobre quase tudo, quase sempre em tom irônico. “Ele Sabia de muita coisa” (ARGOLO, 25/03/2011). Lembra Virgílio Argolo:

Geraldo Teixeira, por exemplo, comprou um livro pelo reembolso postal de inglês, para aprender inglês. Então “Antena” publicou isso, e ninguém sabia na rádio. Geraldo ficou intrigado com aquilo: “como é que esse cara soube, eu fui receber no Correio e não disse a ninguém (ARGOLO, 25/03/2011).

Outra polêmica protagonizada por “Antena” deu-se após uma crítica virulenta feita por ele no Jornal de Jequié a um narrador de futebol da Rádio Bahiana. Depois de uma transmissão de futebol em Ilhéus, “Antena” não mediu palavras e criticou veementemente o que havia sido dito pelo narrador e pelo comentarista da equipe de esportes. No dia seguinte à publicação o narrador esportivo achou por bem responder a “Antena” no ar, no programa de esportes, conforme narra Virgílio Argolo:

(...) ele disse: “Olha Antena, eu sou homem viu? Aqui eu falo com meu nome, a responsabilidade é minha, e você a gente não sabe quem é porque se esconde atrás de um pseudônimo, de Antena. Eu sou homem! (ARGOLO, 25/03/2011).

A resposta de “Antena” não tardou. Na publicação seguinte, para desespero do locutor esportivo “Antena” sentenciou: “Fulano de tal, repita sempre que é homem, senão ninguém sabe” (ARGOLO, 25/03/2011).

“Antena” nunca foi descoberto. Até os mais antigos da Rádio Bahiana não sabem de quem se tratava. Pairam dúvidas e especulações, mas não se sabe ao certo quem conseguiu mexer tanto com os bastidores do mundo radiofônico de Jequié.

Desconfiavam que era Virgílio Argolo, mas ninguém descobriu. Wilson Novaes não era porque era menino, o pai dele não frequentava a rádio e quase não ligava para essas coisas. Aduauto Cideira também não foi (SANTANA 1, 26/03/2011).

“Até hoje ninguém sabe quem é “Antena”, circulam boatos, mas ninguém sabe ao certo” (ARGOLO, 25/03/2011). Wilson Novaes Júnior, filho do jornalista e poeta Wilson Novaes, que desde menino conviveu na redação do Jornal de Jequié afirma que nunca descobriu quem era “Antena”: “Eu já li, mas não sei quem era, era alguém que estava lá dentro, mas nunca descobri” (NOVAES JÚNIOR, 26/03/2011). Certamente o segredo da identidade de “Antena” partiu com o jornalista Wilson Novaes, editor do Jornal de Jequié.

2.7 Os programas religiosos

Desde os primeiros anos a Rádio Bahiana de Jequié abriu espaço para programas religiosos. Transmissões de missas e de festividades ligadas à Igreja Católica eram comuns. As missas de Santo Antônio, padroeiro da cidade, eram levadas ao ar durante o trezenário no mês de junho, conforme nos informa Cid Teixeira: “A gente transmitia todo trezenário, hoje você não vê nem o dia da missa transmitir. Transmitia a missa e a quermesse. Também eram feitos *flashes* da festa em frente à catedral” (TEIXEIRA, 12/03/2011). Ainda segundo Cid Teixeira, os donos da emissora, Lomanto Júnior e seu filho Leur Lomanto, muito religiosos e devotos de Santo Antônio, participavam ativamente da festa em louvor ao santo e, ao final da missa, faziam questão de levar a sua mensagem aos jequienses, aproveitando o ensejo religioso:

A gente transmitia a missa, logo em seguida ele dava entrevista lá na sacristia mesmo. Leur também a mesma coisa. Terminava a missa eles mandavam as mensagens deles (TEIXEIRA, 12/03/2011).

Na sexta-feira da paixão a Rádio Bahiana apresentava uma programação religiosa especial. Conta o jornalista Wilson Novaes Júnior:

Sexta-feira santa tinha o cineminha que passava a Paixão de Cristo. Em seguida a gente sentava à mesa para almoçar e ali a Rádio Bahiana só ficava com música instrumental, religiosa. Não passava nada na programação, era só música instrumental (NOVAES JÚNIOR, 26/03/2011).

Durante um período, nas tardes de sábado, a Bahiana de Jequié levou ao ar o programa *A Voz da Diocese*, dirigido por integrantes da Igreja Católica.

As igrejas protestantes também tiveram espaços na Rádio Bahiana. Aos domingos, às 07h00 da manhã ia ao ar o *Voz Batista de Jequié*, programa da Primeira Igreja Batista. Destaque para os pastores Natanael Quadros, Flordenísio Sampaio e Jess Carlos Monteiro na apresentação do programa. Em seguida, às 07h30 era a vez de *A Voz da Profecia*, da Igreja Adventista do Sétimo Dia, apresentado pelos membros da igreja local, a exemplo de Sílvio Cardoso e Amastorzinho Cidreira (sobrinho de Aduino Cidreira) tendo como pregador o pastor Roberto Rabelo, em mensagens gravadas, enviadas do Rio de Janeiro. Às 08h00 o último programa evangélico da manhã era o *Marchando com Cristo*, da Igreja Batista de Jequezinho (Segunda Igreja Batista de Jequié). A partir da segunda metade da década de 1980, a Igreja Batista Sião passou a dirigir um programa, também com duração de trinta minutos, que ia ao ar nos finais das tardes de domingo.

O programa *Marchando com Cristo* estreou na ZYN – 27 no dia 03 de junho de 1963. Era apresentado geralmente por membros da igreja. O pastor pregava a mensagem do Evangelho por cerca de oito minutos. O programa quase sempre tocava três músicas e, além da mensagem Bíblica, trazia os aniversariantes da semana e o calendário de atividades da igreja. Na abertura do programa ouvia-se a voz do locutor Edísio Santana anunciar ao som da *Aleluia* de Händel:

A Igreja Batista de Jequezinho patrocina e a Rádio Bahiana de Jequié apresenta agora, Marchando com Cristo. Marchando com Cristo é um programa de fé e oração que glorifica ao Senhor. E para a apresentação de Marchando

com Cristo aqui estão o pastor Júlio de Santana e a jovem Gersonete Fernandes (SANTANA 2,26/03/2011).

Muitas pessoas passaram pela direção e apresentação do *Marchando com Cristo*, a exemplo dos irmãos Heleno e Helena Pereira, de Raimundo Matos e Jalon Leal, Gersonete Fernandes e Irineu Oliveira. Os pastores que por mais tempo falaram do Evangelho no *Marchando com Cristo* foram Antônio Abílio de Carvalho e Júlio de Santana. Pregadores leigos como Jaime Antônio, Jalon Leal e Aristóteles Matos também tiveram passagem pelo programa. O pastor Antônio Abílio de Carvalho, em suas mensagens no rádio, não poupava críticas às outras religiões, inclusive a Católica, mesmo sendo os donos da emissora devotos fervorosos do padroeiro da cidade, como narra Helena Pereira:

Não contava história. Ele falava e repercutia muito na cidade, o povo católico não gostava. Ele mostrava na Bíblia que não podia conduzir imagem de escultura em proclamação. O povo comentava que o pastor falava, até muitos crentes achavam que ele não deveria falar, mas ele falava, não tinha medo não (PEREIRA1, 26/03/2011).

Não há relatos de que a direção da Rádio Bahiana tenha notificado ou repreendido o pastor Antônio Abílio por tais declarações.

Segundo Cid Teixeira todos os programas religiosos da Rádio Bahiana de Jequié eram pagos. A emissora abria espaço para as igrejas que ele denomina como oficiais, não acolhendo programas daquelas de linha neopentecostal: “A gente só não aceitava programa da igreja de Edir Macedo, da Universal, só da Batista que é oficial e a Católica” (TEIXEIRA, 12/03/2011).

Narra Cid Teixeira que pessoas ligadas a igrejas evangélicas que não tinham programas na rádio recorriam ao proprietário Lomanto Júnior no intuito de obter espaço na emissora na confiança de que a recomendação do político e dono da rádio seria suficiente para conseguirem um espaço em horário nobre: “Tinha uns dessas religiões que eu chamo da sacolinha, chegava para arranjar um horário, aí Lomanto dizia: Cid, arranja um horário aí para fulano de tal” (TEIXEIRA, 12/03/2011).

Mas o diretor Cid Teixeira não baixava a guarda, e oferecia espaços pouco atrativos, como de 5h00 às 6h00 da manhã, o que não era aceito:

“Aí ele saía, ia lá para Lomanto. Lomanto dizia: se ele disse que não tem... Lomanto era um cara que não dava opinião nenhuma” (TEIXEIRA, 12/03/2011).

Mas outras igrejas, além da Batista e da Católica, também tiveram espaços na Rádio Bahiana de Jequié, como a Igreja do Evangelho Quadrangular. Desde que foi implantada na cidade a igreja comprou um pequeno horário diário nas manhãs da emissora.

Nos anos 80 estreou na Bahiana de Jequié do meio dia às duas da tarde de domingo o programa “gospel” *As Mais e Mais Evangélicas*, dirigido e apresentado por Luciano Gonçalves. Era um programa com uma linguagem jovem, com maior variedade musical que os demais e que abria espaço para toda comunidade evangélica. Com o fim do programa surgiu o *Paz Pra Cidade* que ocupou o mesmo horário de *As Mais e Mais Evangélicas*, e pertencia a ASSEJ, Associação dos Evangélicos de Jequié. *O Paz Pra Cidade* marcou época na Rádio Bahiana. Contou com a apresentação de Edgar Júnior, Juscelino Guimarães e Paulo César Valverde (radioperador da Bahiana recém convertido). No *Paz Pra Cidade* foi feita a campanha para a compra do sítio onde foi instalado o centro de recuperação de dependentes de álcool e drogas, o SERLIVRE, mantido pelos evangélicos e em funcionamento até os dias atuais. Em 1991 saiu da Bahiana de Jequié e estreou na 93 FM, passando depois pela 95 FM até ser extinto nos idos de 1998.

Os programas religiosos da Rádio Bahiana foram extintos no início da década de 1990, quando a emissora passou por uma reformulação, promovida pelo Sistema Nordeste de Comunicação, pertencente ao grupo de Pedro Irújo. A emissora elevou o preço dos contratos de maneira tal que as igrejas não manifestassem interesse em renová-los.

2.7.1 *A Hora do Angelus*

O programa apontado como o de maior audiência entre os de cunho religioso e um dos de maior audiência na grade de programação da Rádio Bahiana era a *Ave Maria*, ou a *Hora do Ângelus*, apresentado por Geraldo Teixeira. De segunda a sábado às 18h00 era tradição ouvir Geraldo ler pedidos de oração e mensagens sacras, culminava com a leitura da oração *Ave Maria*, de forma solene e dolente. Em seguida era veiculada a *Ave Maria*, na voz de vários cantores, com destaque para

a *Ave Maria* de Franz Schubert interpretada por Stevie Wonder. A voz grave e marcante de Geraldo era “a cara” da *Hora do Angelus* da Rádio Bahiana. Segundo Cid Teixeira “(...) na hora da Ave Maria se Geraldo não fizesse aquele horário ele ficava doente” (TEIXEIRA, 12/03/2011).

3 O fim da Rádio Bahiana de Jequié

Neste capítulo cabe um retorno ao ano de 1960, quando a Rádio Bahiana foi vendida pelo grupo Rádiointerior para Antônio Lomanto Júnior, então prefeito de Jequié, eleito pela segunda vez. A emissora passava por dificuldades financeiras e Alceu N. Fonseca tentava convencer Lomanto a investir no negócio: “O Alceu, eu soube que foi a Lomanto, na época, que era para Lomanto ajudar. Lomanto não queria” (TEIXEIRA, 12/03/2011). O grupo Rádiointerior chegou a enviar para Jequié uma gravação informando o fechamento da Bahiana: “um disco da Rádio Sul Fluminense gravado no Rio de Janeiro, de Alceu Fonseca, despedindo e agradecendo, quando a família Lomanto comprou a rádio” (SANTANA 1, 26/03/2011).

Cid Teixeira e Aduino Cidreira, a convite de Lelivaldo Brito, cunhado de Antônio Lomanto Júnior, assumiram a direção da Rádio Bahiana. Encontraram a emissora com sérios problemas financeiros. A receita advinda dos anúncios publicitários era pequena, a emissora tinha dívidas e estava sem crédito para fazer compras no comércio local.

A primeira coisa que encontrei lá foi para trocar um fio elétrico. Eu mandei ver na casa comercial de Deusdete Amaral. Deusdete disse que para a rádio não vendia, mas para mim vendia. A rádio estava sem crédito (TEIXEIRA, 12/03/2011).

Além de recuperar o crédito na praça outra medida foi a regularização de todos os funcionários da emissora junto ao Ministério do Trabalho, já que, até então nenhum tinha a Carteira de Trabalho e Previdência Social assinada. “Convoquei todos eles juntamente com Aduino Cidreira e procuramos legalizar. Em março nós legalizamos todos eles, março de 1960” (TEIXEIRA, 12/03/2011).

Contrariando a previsão extremamente otimista de Adilson Almeida, a resposta do comércio local/regional não foi satisfatória para a manutenção da Rádio Bahiana. Segundo Cid Teixeira “A rádio não dava lucro. Não é como hoje, o comércio hoje contribui bastante” (TEIXEIRA, 12/03/2011). A receita maior vinha de programas oficiais como os da Prefeitura Municipal e Câmara de Vereadores, dos programas das igrejas evangélicas e de programas de grande audiência produzidos pela

própria emissora, como *A Hora do Fazendeiro* e *Músicas e Informações*. Dos demais a receita era ínfima. “Tinha os comerciais de fora também, por exemplo: Kolynos³⁷, Malzebier... de fora eram vários, mas da cidade mesmo, poucos” (TEIXEIRA, 12/03/2011). A empresa vivia no limite da receita, suficiente para pagar as despesas.

Com a chegada da primeira emissora em frequência modulada de Jequié, no dia 13 de junho de 1986³⁸, as dificuldades financeiras da Rádio Bahiana se agravaram. Tanto é que os funcionários chegaram a tirar a emissora do ar em protesto pelo atraso do pagamento do décimo terceiro salário. Lembra Inaldo Sardinha:

Quando deu 18h00 Geraldo Teixeira estava se preparando para fazer a Ave Maria e nós tiramos a rádio do ar. Seo Cid perguntou o que foi e todos assumiram o ato. Foi a primeira vez que eu vi um ato de coragem do grupo de funcionários da rádio (SARDINHA, 11/03/2011).

A Cidade Sol FM era uma novidade, o FM trouxe uma qualidade de som muito superior ao do AM; audiência e anunciantes, principalmente estes, aos poucos, começaram a migrar para a nova emissora. “O impacto foi na parte comercial. Se já era ruim, aí agora piorou” (TEIXEIRA, 12/03/2011). Aroldo Vieira, então gerente comercial da Cidade Sol FM, lembra-se da facilidade em comercializar espaços publicitários na emissora. “Era muito fácil porque era novidade, tudo era novidade, tudo que tentasse vender vendia” (VIEIRA, 13/03/2011), apesar de, naquela época, ainda segundo Aroldo Vieira, a venda de publicidade

³⁷Música e Alegria Kolynos. Programa gravado em um LP que, depois de veiculado, era sorteado entre os ouvintes. “Foi na época o lançamento dos Beatles, tinha muita coisa”. (VIEIRA, 13/03/2011)

³⁸No dia 13 de junho de 1987, acabava de assistir à missa festiva de encerramento dos festejos em louvor a Santo Antônio, padroeiro da cidade de Jequié, quando tomei conhecimento de que na Rua Padre Altino Freire, a poucos metros da Catedral, estava sendo inaugurada a Rádio Cidade Sol LTDA – 94,9, a primeira emissora em Frequência Modulada da região. Aguçada a curiosidade, dirigi-me ao local em companhia de outras pessoas. Lá chegando, estúdio lotado, muitos convidados, observei Manoel Almeida Sampaio “Maneca”, primeiro gerente da nova emissora, de microfone em punho, apoiado na bancada dos pick-ups, no papel de mestre de cerimônias, conduzindo a inauguração, apresentando a equipe de comunicadores e abrindo espaço para depoimento dos presentes (NOVAES JÚNIOR, 2006, P. 50).

em Jequié ser feita “(...) amadoristicamente, porque não se tinha aquela coisa de profissionalismo que o momento pedia” (VIEIRA, Aroldo). E assim, em um processo lento, a Bahiana de Jequié enfrentava cada vez mais dificuldades para cobrir suas despesas. “Acredito que a Rádio Bahiana deve ter sentido muito” (VIEIRA, 13/03/2011).

No final da década de 1980 a família Lomanto decidiu vender a Rádio Bahiana, coincidindo com a implantação, pelo então deputado federal Leur Lomanto (filho de Lomanto Júnior), da Estação 93 FM, segunda emissora em frequência modulada da cidade, inaugurada em setembro de 1989. O veterano radialista Gilmar Azevedo, trazido para Jequié por Leur com a missão de implantar a nova emissora relata a impressão que teve da Rádio Bahiana:

Que ela já fazia parte do passado, completamente abandonada pelos seus proprietários, não tinha agressividade, não procurava inovar, me parecia viver do passado. O próprio prédio onde a rádio estava instalada dava essa impressão (AZEVEDO, 02/06/2011).

Segundo Ari Moura a falta de investimentos que culminou com a venda da Bahiana AM pela família Lomanto pode ter sido desencadeada porque a emissora não rendia dividendos políticos para o grupo:

Eu não acredito que ela tenha influenciado tanto, por exemplo, na eleição de Lomanto Júnior para governador do Estado, ela deu uma contribuição muito local, mas em nível estadual não dava porque ela não era ouvida em todos os municípios da Bahia. A própria eleição do Leur Lomanto por um, dois ou três mandatos no início da carreira dele também não deve ter tido muita influência. Então eles resolveram vender a rádio (MOURA, 24/05/2011).

Primeiro a emissora foi adquirida pelo grupo do então deputado Marcos Medrado, um empresário da capital baiana. Pouquíssimo tempo depois foi vendida para Pedro Irújo, proprietário do Sistema Nordeste de Comunicação (detentor de emissoras de rádio em Salvador e cidades do interior e da TV Itapoan, na época afiliada do Sistema Brasileiro de

Televisão), e também deputado. O grupo chegou com a proposta de reformular a Rádio Bahiana, implantar equipamentos modernos, adequá-la aos novos tempos. Foram instalados alguns equipamentos mais modernos, inclusive um computador para a veiculação de vinhetas e comerciais. A grade de programação da emissora sofreu alterações. Com o fim do programa *Músicas e Informações*, Geraldo Teixeira assumiu o posto de noticiário. Mascarenhas Filho, que comandava das 14h00 às 17h00 o *Clube da Juventude*, passou a apresentar o *Show da Manhã*. Por algum tempo, no horário da tarde foi veiculado *A Tarde é Nossa*, um programa produzido pelo Sistema Nordeste, gravado em fitas K7 e apresentado por Beto Moreno. Edísio Santana também apresentou *A Tarde é Nossa*. A Rádio Bahiana fez transmissões em cadeia com outras emissoras do grupo, como partidas de futebol da Copa do Mundo de 1990 e o programa *Balanço Geral*, da Rádio Sociedade da Bahia, apresentado, na época, por Raimundo Varela e Djalma Costa Lino. Neste período a emissora já amargava uma queda sem precedentes em sua audiência e credibilidade junto ao público e aos anunciantes. Não havia mais o interesse de antes pelos programas musicais e de serviço. A cidade vivia o auge da Estação 93 FM (que também superou a Cidade Sol FM em audiência), com sua ótima qualidade de áudio e uma programação popular, com o locutor Tony Silva e sua grande audiência nas manhãs de segunda a sábado. Só o jornalismo conseguiu ter fôlego em meio à crise. “Pelo menos no jornalismo a gente conseguia uma boa audiência de manhã, ao meio-dia, e ainda tinha um programa no final da tarde que trazia informações também” (MOURA, 24/05/2011).

As mudanças que prometiam resgatar os tempos áureos da Rádio Bahiana de Jequié acabaram por dar início a um longo processo de decadência. “Aí a rádio foi entrando em descrédito (...). Trouxeram de Ipiaú uma coordenadora, essa coordenadora se perdeu” (SARDINHA, 11/03/2011). Uma providência foi enxugar o quadro de funcionários. Vários locutores/operadores que por muito tempo fizeram parte da equipe foram desligados da empresa. Um dos primeiros foi Inaldo Sardinha, que passou a apresentar um programa de esportes na 95 FM. Depois mais demissões:

João Mendes, Mascarenhas Filho, Tadeu Antônio, Edísio Santana e tantos outros profissionais que trabalhavam na

rádio, eles quiseram enxugar, achavam que tinha um número grande de profissionais e foram tirando gradativamente o pessoal, que culminou também com a minha saída (MOURA, 24/05/2011).

O patrimônio físico da rádio também começou a ser desfeito. Equipamentos obsoletos, mas ainda importantes foram retirados, levados para outras emissoras, e substituídos por outros em condições ruins. “Eles começaram a sucatear, tirar parte dos equipamentos da emissora daqui, equipamentos bons e deixar aqui praticamente a pelanca” (SANTANA 2, 26/03/2011). “Pedro Irújo mandou colocar um transmissor novinho aqui, com potência de 10 KW, mas um gerente de Feira de Santana, Moacir Mansur, disse que não valia à pena, que não tinha retorno” (SANTANA 1, 26/03/2011).

Uma verdadeira tragédia não só para o patrimônio da Rádio Bahiana, mas para o patrimônio histórico e cultural de Jequié foi o desfazimento de documentos importantes acumulados por mais de quatro décadas, como as Crônicas de Luiz Cotrim, Fernando Barreto, Adauto Cidreira. “Na rádio tinha tudo isso aí arquivado, a mulher jogou tudo fora” (TEIXEIRA, 12/03/2011). A discoteca com milhares de discos foi desmantelada. Também por ordem da coordenadora enviada pelo Sistema Nordeste de Comunicação milhares de discos foram jogados fora. “Foi o maior crime da história! A Rádio Bahiana tinha um acervo fora de série. Discos de 78 rotações, LPs, compactos” (SANTANA 1, 26/03/2011).

Todas as estratégias empregadas pelo Sistema Nordeste de Comunicação não deram certo. A rádio estava ainda mais decadente e o grupo perdeu o interesse pela emissora. Segundo relata Ari Moura esta perda de interesse também se deu por fatores de ordem política:

Eles adquiriram rádio aqui em Jequié, em Ipiaú, Feira de Santana e outras cidades da Bahia e formaram uma rede, porque tinham uma finalidade política. Pedro Irújo queria ser governador da Bahia e não conseguiu (MOURA, 24/05/2011).

Na segunda metade da década de 1990 a Rádio Bahiana foi vendida mais uma vez. Passou ao controle do Sistema Jequié de Comunicação,

do então vereador Euclides Nunes Fernandes. Nenhum investimento significativo foi feito. Foi desfeita a sonotécnica e toda a aparelhagem colocada dentro da cabine de locução, funcionando o operador também como locutor. A emissora continuava com uma péssima qualidade de som, o estúdio completamente sucateado, o prédio sede da emissora degradado. Tudo tinha um aspecto lúgubre, de abandono, conforme relata Nancy Dias, locutora da 93 FM deslocada para cumprir horário na Rádio Bahiana:

O prédio estava muito desgastado, o banheiro já não existia mais, muito morcego, muitas cadeiras jogadas. Equipamento velho, tudo muito antigo, tudo muito desgastado pelo tempo. (...) Era tudo escuro, parecia uma casa do terror. As salas foram ficando vazias. A sala de redação, a sala do diretor foram ficando abandonadas, uma máquina de escrever ficou muito tempo lá jogada (DIAS, 13/03/2011).

O horário de funcionamento da rádio foi reduzido. Antes a programação era levada ao ar das 05h00 às 00h00. Passou a ser transmitida das 05h00 às 20h00. Ligação de ouvintes ou cartas se tornaram raras.

As pessoas não ligavam, tocavam música direto, a tarde inteira. Era só um CD, terminava um CD botava outro, ninguém falava mais nada, já não tinha hora, já não tinha mais nada (DIAS, 13/03/2011).

Em uma emissora em que no passado cartas chegavam a centenas, as poucas recebidas eram motivo de alegria: “Eu tinha uma audiência razoável de receber, por semana, até quatro cartas. Era o ápice conseguir receber quatro cartas naquele finalzinho. Era muito bom” (DIAS, 13/03/2011).

Também não havia mais publicidade na rádio. Só músicas e algumas vinhetas.

Teve um tempo que já não se veiculava mais nada. Algumas coisas que tinha eram em um cartucho, mas com o tempo o cartucho já não foi mais dando certo, já não foi mais servindo. Como a 93 FM tinha um estúdio de gravação

então pegavam algumas coisas deles. Trouxeram um aparelho de MD (mini disc), aí a gente tocava muita coisa no MD (DIAS, 13/03/2011).

A *Hora do Fazendeiro* foi o único programa que na fase aguda de decadência da Rádio Bahiana ainda era apresentado, por João Vasconcelos. Os poucos patrocinadores do programa (espaços publicitários vendidos por valores muito baixos) eram lidos pelo próprio locutor, ao vivo.

Jornalismo local não tinha mais. Algumas informações, às vezes. Lia notícia de jornal, sempre do Jornal A Tarde e de outros jornais que a gente pegava. Jornais da cidade, mas a maioria era se Salvador (DIAS, 13/03/2011).

No ano 2000 Euclides Fernandes vendeu a Rádio Bahiana de Jequié para a Igreja do Evangelho Quadrangular. Assumiu a direção geral o pastor Josué Augusto. Uma das primeiras providências foi mudar a sede da emissora. Depois de quarenta e seis anos a Bahiana saiu da Rua 2 de Julho, no centro da cidade e passou a funcionar na Avenida Franz Gedeon nº 882, ao lado do templo da Igreja Quadrangular. Alguns equipamentos foram trocados. Dois técnicos foram contratados para melhorar a qualidade de áudio da Rádio Bahiana. Algumas peças do transmissor foram substituídas, e o ruído no sinal diminuído. Irineu Oliveira, que assumiu a coordenação da rádio, foi até Governador Valadares – MG buscar uma mesa de áudio usada, adquirida da Rádio Novo Tempo (emissora ligada aos Adventistas do Sétimo Dia) daquela cidade. A mesa antiga da Bahiana já não tinha mais condições de uso.

A Rádio Bahiana de Jequié passou a ser chamada de Nova Bahiana AM, um marco para a nova fase. Alguns locutores foram trazidos de volta, como Jota Narciso, Edísio Santana e Inaldo Sardinha (que passou a trabalhar na Bahiana concomitante com a 95 FM). “Ary Santana foi recontratado nesta fase, e reassumiu A Hora do Fazendeiro” (DIAS, 13/03/2011). Outros profissionais mais jovens também foram trazidos, como Danúbio Alves. Também assumiu um programa matutino Tony Silva, que, nesta época, estava na 95 FM e trabalhou concomitantemente na Bahiana. Foi montada uma nova grade de programação e mantido o

sucesso *A Hora do Fazendeiro*. “Resgataram algumas vinhetas, criaram novas vinhetas” (DIAS, 13/03/2011).

Houve uma melhora na audiência da emissora. Mas com o passar do tempo uma nova crise se abateu. Em 2004 Wando Pereira foi convidado para assumir a coordenação. Foi feita uma tentativa de transformar a programação em Gospel.

Nós passamos um período fazendo a programação secular. Depois pensamos juntamente com a direção em tentar o segmento Gospel. Passamos um período com o segmento Gospel, também não foi aceito, tendo em vista as rádios piratas evangélicas e católicas, então o comércio não abraçava esse segmento (PEREIRA 2, 28/05/2011).

A direção da Igreja do Evangelho Quadrangular não teve interesse em bancar a emissora financeiramente.

Nós tivemos muita dificuldade porque não entrava comerciais, eram poucas agências do governo que anunciavam com a gente, fomos conseguindo algumas. Depois o tempo melhorou quando nós conseguimos fechar uma programação com a Igreja Universal. A entrada de dinheiro aumentou um pouquinho, mas as dificuldades continuavam (PEREIRA 2, 28/05/2011).

O dinheiro que entrava por meio de comerciais e do horário arrendado à IURD não era suficiente para cobrir as despesas, inclusive pagar a folha de salários.

Às vezes, chegava o final do mês e nós tínhamos que juntar: tem quanto? Tem X. Então vamos dar um pouquinho para fulano, um pouquinho para sicrano pra ninguém ficar sem nada. Não era nem um salário. Vamos dar 300 reais para um, 200 reais pra outro e assim a gente ia dividindo o pão (PEREIRA 2, 28/05/2011).

Na tentativa de conseguir algum dinheiro que pudesse ajudar a sanar dívidas o pastor Josué Augusto desfez por completo do que restara da

discoteca. LPs foram vendidos por 2, 1 real. Alguns foram doados. Outros jogados fora.

Depois de seis anos de tentativas o pastor Josué Augusto também desistiu da Rádio Bahiana de Jequié. O objetivo era, pelo menos, vender a concessão. “Por muitas vezes o pastor Josué falou: ‘vamos fechar isso, vamos fechar, eu vou tentar vender a concessão’. E nada. E a gente segurando” (PEREIRA 2, 28/05/2011).

Em um dia do ano de 2006, um empresário de Feira de Santana chegou à Rádio Bahiana disposto a comprar a emissora. Foi feita uma reunião entre Roberto Pazzi e o pastor José Augusto, e a venda foi selada. A Rádio Bahiana de Jequié foi transferida para um prédio construído especialmente para ela no semi-anel rodoviário de Jequié. Todo o equipamento foi substituído, inclusive o transmissor, transferido da Granja Pindorama para o anexo do novo prédio. Durante um curto período a rádio foi chamada de Bahiana AM Rádio Povo, depois apenas Rádio Povo, como permanece até os dias atuais. Foi o fim de uma das mais antigas marcas na comunicação da Bahia. A Rádio Bahiana de Jequié deixou de existir. Ficou a referência do meio de comunicação mais importante para Jequié na segunda metade do século XX. Nas palavras de Gilmar Azevedo:

Foi sem dúvida alguma a referência do rádio em Jequié nas últimas décadas do século XX, isso não se pode negar. Até a chegada das FMs a Bahiana comandava. Tanto que conseguiu fazer Geraldo Teixeira vereador, fato que as FMs não conseguiram (AZEVEDO, 02/06/2011).

É de se lamentar a falta de zelo e o desfazimento de todo um acervo histórico de uma empresa que, na verdade, já se constituía um patrimônio histórico/cultural de Jequié. Segundo Ary Santana o doutor Milton de Almeida Rabelo³⁹ dizia: “(...) olha, sou vereador, vou propor à Câmara votar, para a rádio ser reconhecida como patrimônio de Jequié para não ser vendida, mas os vereadores não votaram” (SANTANA 1, 26/03/2011).

³⁹Cirurgião dentista, pessoa de grande influência na sociedade jequeense, professor-fundador da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, ex-vereador, cunhado do ex-prefeito e empresário Waldomiro Borges de Souza.

Eu fui a um encontro de radiodifusão em Minas Gerais e vi a história da Rádio Itatiaia desde que começou. Eles guardam a primeira maleta de transmissão, o primeiro transmissor, e têm o maior orgulho de expor isso (NOVAES JÚNIOR, 26/03/2011).

Por derradeiro o fim da marca Bahiana de Jequié também se constituiu a perda de uma referência histórica para a Cidade Sol.

Eu senti muito a perda da Rádio Bahiana. Em Ilhéus, por exemplo, a Rádio Bahiana ficou anos e anos fora do ar, mas quando reestruturaram ela mais recentemente ela continuou com o nome de Rádio Bahiana de Ilhéus. Eu gostaria que em Jequié tivesse acontecido a mesma coisa. Infelizmente não foi possível (MOURA, 24/05/2011).

Considerações finais

Nessas considerações finais é pertinente ressaltar que todos os entrevistados foram unânimes em afirmar que a Rádio Bahiana de Jequié teve importância indelével para a região na segunda metade do século XX.

A Rádio Bahiana de Jequié foi implantada em um momento de esperança de crescimento para Jequié. Na visão de Adilson Almeida a emissora poderia contribuir para o desenvolvimento econômico da região, ao tempo em que poderia ser mantida por meio dos anúncios publicitários do comércio local. Ficou constatado, entretanto, que ao longo de sua trajetória foram muitas dificuldades financeiras enfrentadas.

A emissora reinou absoluta na comunicação radiofônica jequeense durante 32 anos. A concorrência era travada com as rádios do eixo sul/sudeste do país, o que não chegava a comprometer a audiência da Rádio Bahiana, porque as pessoas se interessavam pelos assuntos locais e regionais, ademais, as emissoras do sul e do sudeste só tinham boa recepção no período da noite.

Nos primeiros anos a tecnologia era incipiente, equipamentos com pouquíssimos recursos. Aos poucos a rádio foi se modernizando, conseguiu um aumento de potência no início da década de 1970, e se tornou uma emissora regional, passou a abranger vários municípios vizinhos a Jequié.

Enfrentou o período da Ditadura Militar e sofreu com a censura imposta pelo Golpe. Fez radioteatro, radiojornalismo, veiculou radionovelas, revelou talentos, transmitiu fatos marcantes.

Teve o seu acervo de documentos desfeito, informações importantes sobre Jequié e região foram perdidas. Mesmo assim emissora se tornou parte da própria história de Jequié. Por meio daqueles que trabalharam e viveram a Rádio Bahiana, foi possível arregimentar uma memória coletiva, sistematizá-la e resgatar parte desta história.

O assunto não se esgota. A Rádio Bahiana de Jequié pode ser estudada em aspectos mais particulares tendo em vista a amplitude de sua importância para a região. Que este trabalho de memória seja um encorajamento para outras pessoas que possam ter interesse sobre o tema e um registro para as gerações vindouras.

Referências bibliográficas

- AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. Org. *Usos & abusos da história oral*. 5ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- ARAÚJO, Emerson Pinto de. *Capítulos da História de Jequié*. Salvador: GSH Editora, 1997.
- CÉSAR, Cyro. *Rádio: inspiração, transpiração e emoção*. São Paulo: IBRASA, 1996.
- COMPÊNDIO. *História do Rádio no Brasil*. Publicado no site da ABERT - Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão. <http://www.abertdf.com/site/images/stories/biblioteca/historia.pdf>. Acesso 8/03/2011
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo. Edições Vértice, 1990.
- LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MAUAD, Sêmia. *A história do rádio no Brasil e em Minas Gerais*. Disponível na BOCC – Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. http://www.bocc.ubi.pt/pag/r%C3%A1dio_brasil_minas.pdf Acesso: 08/03/2011.
- McLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- MEDITSCH, Eduardo. Org. *Teorias do Rádio: Textos e Contextos*. Florianópolis – SC. Insular, 2005.
- NOVAES, Wilson Júnior. *Garimpendo a imprensa numa cidade só*. Jequié, 2006.
- PEREIRA, Herzem Gusmão. *A Trajetória da Rádio Clube de Conquistista*. UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2003. Trabalho inédito.

RIOS, Dermeval. (org). *Cem Anos de Poesia e Prosa*. Jequié: Academia de Letras de Jequié. 1997.

ROCHA FILHO, Nelson Galvão. *A história do rádio em Jequié: um paralelo entre o desenvolvimento da cidade e a expansão da atividade radiofônica*. Jequié/BA. IMES/FTC – Faculdade de Tecnologia e Ciências, 2009. Trabalho inédito.

Entrevistas

ARGOLO, Virgílio. Entrevista cedida a Judson Almeida no dia 25/03/2011 em Jequié – Bahia.

AZEVEDO, Gilmar – Entrevista cedida a Judson Almeida via Internet no dia 02/06/2011.

DIAS, Nanci. Entrevista cedida a Judson Almeida no dia 13/03/2011 em Jequié – Bahia.

LOPES, Evandro – Entrevista cedida a Judson Almeida no dia 13/03/2011 em Jequié – Bahia.

MENDES, João. Entrevista cedida a Judson Almeida no dia 12/03/2011 em Jequié – Bahia.

MEIRA, Raimundo. Entrevista cedida a Judson Almeida no dia 25/03/2011 em Jequié – Bahia.

MOURA, Ari. Entrevista cedida a Judson Almeida via telefone no dia 24/05/2011.

NOVAES JÚNIOR, Wilson. Entrevista cedida a Judson Almeida no dia 26/03/2011 em Jequié – Bahia.

PEREIRA (1), Wando. Entrevista cedida a Judson Almeida via telefone no dia 28/05/2011.

PEREIRA (2) Helena. Entrevista cedida a Judson Almeida no dia 26/03/2011 em Jequié – Bahia.

SANTANA (1) Ari. Entrevista cedida a Judson Almeida no dia 26/03/2011 em Jequié – Bahia.

SANTANA (2), Edísio. Entrevista cedida a Judson Almeida no dia 26/03/2011 em Jequié – Bahia.

SARDINHA, Inaldo. Entrevista cedida a Judson Almeida no dia 11/03/2011 em Jequié – Bahia.

SILVA, Tony. Entrevista cedida a Judson Almeida via internet no dia 14/04/2011.

TEIXEIRA, Cid. Entrevista cedida a Judson Almeida no dia 12/03/2011 em Jequié – Bahia.

VIEIRA, Aroldo. Entrevista cedida a Judson Almeida no dia 13/03/2011 em Jequié – Bahia.

Transcrições

TEIXEIRA, Geraldo. Transcrição de gravação feita por Geraldo Teixeira no dia 21 de setembro de 1969. Gravação recuperada e cedida por Ary Santana.

PINTO, Roquete. Transcrição de gravação de 1923, disponível no site <http://www.microfone.jor.br/historia.htm> Acesso 16/02/2011.

COTRIM, Luiz. Transcrição da crônica lida por Ary Santana e levada ao ar na primavera de 1976. Gravação recuperada e cedida por Ary Santana.

Anexos



Cid Teixeira – Assumiu a direção da Rádio Bahiana de Jequié em 1960. Ocupou o cargo até meados da década de 1990. Foto: Judson Almeida em 12/03/2011



Escadaria que dava acesso à sede da Rádio Bahiana de Jequié no segundo andar do Edifício 2 de Julho. Foto: Judson Almeida em 12/03/2011



Flâmula comemorativa dos 8 anos do Programa Marchando Com Cristo da Igreja Batista de Jequezinho na Rádio Bahiana de Jequié. Cedida por Helena Pereira.



Antigo gravador com fita de rôlo da Rádio Bahiana de Jequié. Peça em Exposição no Museu Cel. João Carlos Borges. Foto: Judson Almeida em 25/03/2011



Solenidade de posse do prefeito Waldomiro Borges de Souza, em 1966. Em destaque o então governador Antônio Lomanto Júnior. Ao lado, com o Microfone em punho o radialista Geraldo Teixeira transmitindo a solenidade Pela Rádio Bahiana de Jequié. Fotografia disponível em painel do Museu Coronel João Borges. Foto: Judson Almeida em 25/03/2011.



Evento comemorativo aos 12 anos da Rádio Bahiana de Jequié em 1966. Ao microfone o jornalista e também diretor da emissora, Adauto Cidreira. Ao lado os radialistas Geraldo Teixeira e Ari Santana. Fotografia disponível em painel do Museu Coronel João Borges. Foto: Judson Almeida em 25/03/2011.



Adilson Almeida considerado o responsável pela implantação da Rádio Bahiana de Jequié. Fotografia disponível em painel do Museu Coronel João Borges. Foto: Judson Almeida em 25/03/2011.



Auditório do Cine Teatro Jequié, durante a realização do Festival dos Brotos. Fotografia disponível em painel do Museu Coronel João Borges. Foto: Judson Almeida em 25/03/2011.



Palco do Cine Teatro Jequié, durante a realização do Festival dos Brotos. Fotografia disponível em painel do Museu Coronel João Borges. Foto: Judson Almeida em 25/03/2011.



O repórter esportivo da Rádio Bahiana de Jequié, Nilton Torres, entrevistando o jogador Mané Garrincha em 1970. Fotografia disponível em painel do Museu Coronel João Borges. Foto: Judson Almeida em 25/03/2011.



Um dos primeiros aparelhos de rádio que chegaram a Jequié, ainda na primeira metade do século XX. Peça em exposição no Museu Cel. João Carlos Borges. Foto: Judson Almeida em 25/03/2011.



Abrigo do transmissor da Rádio Bahiana de Jequié na Granja Pindorama. Fotografia disponível em painel do Museu Coronel João Borges. Foto: Judson Almeida em 25/03/2011.



Vista parcial da discoteca da Rádio Bahiana de Jequié. Fotografia disponível em painel do Museu Coronel João Borges. Foto: Judson Almeida em 25/03/2011.



O locutor João Mendes e Abelardo Barbosa, o Chacrinha em Jequié no início da década de 1980. Fotografia disponível em painel do Museu Coronel João Borges. Foto: Judson Almeida em 25/03/2011.



O técnico Virgílio Argolo participou da montagem dos primeiros equipamentos da Rádio Bahiana de Jequié e da inauguração da emissora na noite de 21 de setembro de 1954. Foto: Judson Almeida em: 25/03/2011.



Inaldo Sardinha na transmissão do carnaval de 1989. No Palco do Jequié Tênis Clube a Banda Sinal dos tempos do Rio de Janeiro. Foto: acervo particular de Inaldo Sardinha.

PARA RÁDIO-DIFUSÃO



CONSOLETE
Tipo 30-B **STP**

Uma consolete especialmente projetada para a moderna radiodifusora dotada de estúdio principal, cabine de locução e sala de controle de som. Construídas segundo as mais rígidas especificações técnicas aplicáveis às condições de clima e energia elétrica do Brasil. Todas suas unidades são totalmente acessíveis, facilitando ao máximo a perfeita manutenção técnica.

A Consolete STP tipo 30-B proporciona a máxima versatilidade de operação, segurança no funcionamento e absoluta fidelidade nas respostas.

É um produto integralmente garantido pela STP — uma grande e moderna indústria especializada, com 24 anos de tradição em Eletrônica e Radiocomunicações.

Consulte-nos sobre a linha STP de equipamentos para Radiodifusão

STP SOCIEDADE TÉCNICA
PAULISTA S. A.
Av. do Estado n.º 986
SÃO PAULO

CARACTERÍSTICAS

Entradas: 3 para microfones (30/150 Ω), 3 para mesas toca-discos, 4 para linhas telefônicas, 1 para gongos elétrico, 3 para presimplicadores adicionais (600 Ω).

Saídas: 1 linha de programa (600 Ω, balanceada), 1 de monitor (idem), 1 para altofalante (5, 7,5 ou 15 Ω, 6 watts) e 3 pares de fones (2.000 Ω).

Resposta: plana de 30 a 15.000 c/s, dentro de 2,5 dB (de 40 a 12.000 c/s dentro de 1,5 dB). Distorção menor que 1% entre 50 e 12.000 c/s; para saída de ±10 dBm.

Zumbido —50 dB abaixo do nível de saída.

Completo sistema de sinalização para o estúdio ou a cabine de locução, linhas telefônicas, etc.

Para mais detalhes, peça-nos o folheto AN-30-B

Propaganda da Sociedade Técnica Paulista, a STP. Equipamento semelhante foi utilizado na Rádio Bahiana de Jequié por muitos anos. Disponível em

<http://sites.audiolist.org/edu/historia-do-audio-no-brasil/anuncios-antigos-nacionais/> Acesso 22/04/2011.



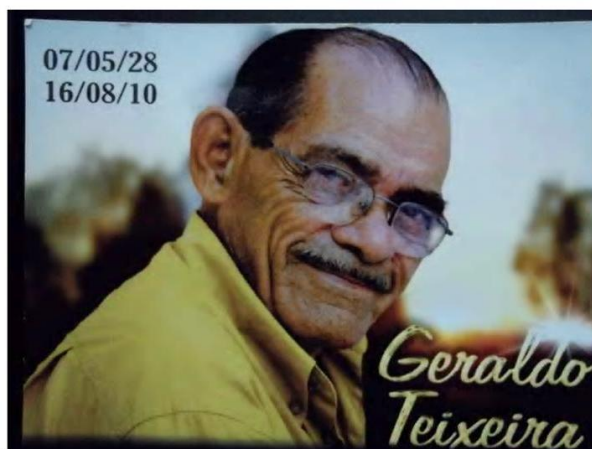
Show de Prêmios, realizado no Cine Auditorium pela Estação 93 FM, reviveu o lendário Festival dos Brotos. Foto: acervo particular de Tony Silva.



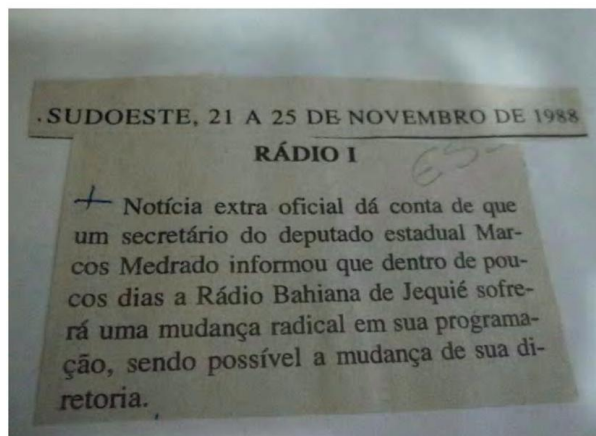
Prédio da Rádio Bahiana de Jequié na Rua 2 de Julho. Foto tirada durante o carnaval de 1988. Foto: acervo particular de Inaldo Sardinha.



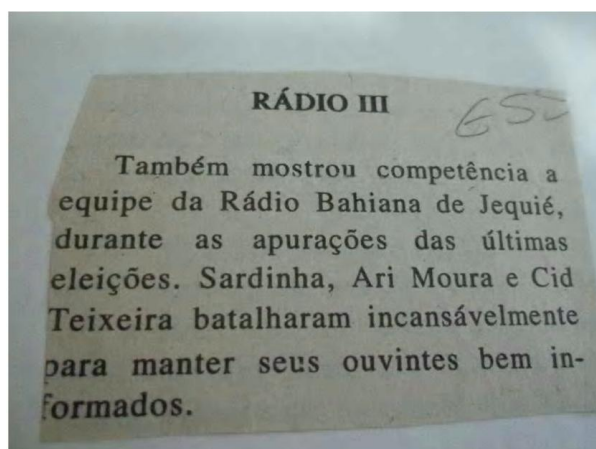
Atual aspecto do prédio onde funcionou a Rádio Bahiana de Jequié, transformado em apartamento residencial. Foto : Judson Almeida em 12/03/2011.



Geraldo Teixeira, um dos mais populares locutores da Rádio Bahiana de Jequié. Participou da inauguração da emissora. Foto: acervo particular de Judson Almeida.



Recorte do Jornal Sudoeste dava conta dos rumores da venda da Rádio Bahiana de Jequié. Acervo particular de Inaldo Sardinha.



Recorte do Jornal do Sudoeste do final da década de 1980. Documento do acervo particular de Inaldo Sardinha.



O Correio da Bahia noticiou a confusão em Gongogi. O jornal errou o nome do repórter Inaldo Sardinha (Inaldo de Jesus). Documento do acervo particular de Inaldo Sardinha.



Edifício Grilo. Foto: Museu Coronel João Borges.